

Intenção empreendedora e desporto universitário: contexto português

VERSÃO FINAL APÓS DEFESA

GUILHERME CAMPOS DUARTE

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Empreendedorismo e criação de empresas
(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Prof^a. Doutora Cláudia Sofia Lourenço Dias
Coorientadora: Prof^a. Doutora Maria José Aguilar Madeira

outubro de 2025

Declaração de Integridade

Eu, Guilherme Campos Duarte, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição M13887 de Empreendedorismo e criação de empresas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referência de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 17 /10 /2025

(assinatura conforme Cartão de Cidadão ou preferencialmente
assinatura digital no documento original se naquele mesmo formato)

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais, pelo amor, apoio e exemplo. À minha irmã, pela companhia essencial. E a todos os que acreditam no poder transformador do desporto e do conhecimento.

Agradecimentos

A realização desta dissertação representa o culminar de um percurso académico e pessoal que não teria sido possível sem o contributo de várias pessoas, a quem expresso o meu mais profundo agradecimento.

Agradeço igualmente à Professora Doutora Cláudia Dias, orientadora da dissertação, pelo acompanhamento atento, pelas sugestões críticas e pelo apoio ao longo das diferentes fases da investigação.

Em segundo lugar, agradeço à Professora Doutora Maria José Madeira, minha coorientadora, pela disponibilidade constante e pelo incentivo intelectual ao longo de todo o processo. A sua exigência académica e orientação pedagógica foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus familiares, em especial aos meus pais e à minha irmã, pela presença incansável, pelo suporte emocional e pelo incentivo incondicional, mesmo nos momentos mais desafiantes.

Aos amigos e entrevistados que participaram nesta investigação, o meu sincero obrigado pela colaboração, pelas partilhas e pelas contribuições valiosas para a construção deste estudo.

A todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este projeto se concretizasse, deixo uma palavra de sincera gratidão.

Resumo

Esta dissertação desenvolve-se em dois estudos com o objetivo de compreender a intenção empreendedora no setor desportivo. O Estudo 1 consiste numa revisão sistemática da literatura, baseada em 34 artigos científicos, onde se identificam três grupos temáticos principais: fatores intrínsecos, contextuais e sociodemográficos. Os resultados destacam a relevância da autoeficácia, da motivação intrínseca, da educação empreendedora e da experiência desportiva como determinantes da intenção empreendedora. O Estudo 2 aprofunda a perspetiva qualitativa através de entrevistas a 15 estudantes universitários que praticam desporto no contexto universitário. Os dados revelam que o desporto universitário potencia o desenvolvimento de competências transversais, como a resiliência, a liderança e a gestão da pressão, que favorecem a intenção empreendedora. Paralelamente, identificam-se barreiras como a burocracia, o ensino excessivamente teórico e a desigualdade de género, que afetam a perceção de viabilidade de criar um negócio. A investigação demonstra que o desporto universitário funciona como um espaço formativo privilegiado para o empreendedorismo, sendo crucial integrar práticas educativas mais aplicadas e estratégias institucionais de apoio. Este estudo visa contribuir para a construção de políticas e programas que promovam o empreendedorismo entre estudantes do ensino superior ligados ao desporto.

Palavras-chave

Competências Transversais; Desporto Universitário; Empreendedorismo Desportivo; Intenção Empreendedora; Revisão Sistemática da Literatura.

Abstract

This dissertation comprises two complementary studies aimed at understanding entrepreneurial intention in the sports sector. Study 1 presents a systematic literature review based on 34 scientific articles, identifying three main thematic groups: intrinsic, contextual, and sociodemographic factors. The findings highlight the relevance of self-efficacy, intrinsic motivation, entrepreneurship education, and sports experience as key determinants of entrepreneurial intention. Study 2 adopts a qualitative approach through semi-structured interviews with 15 university students engaged in sports. The results reveal that university sport serves as a formative space for the development of transferable skills such as resilience, leadership, and pressure management—attributes that enhance entrepreneurial intention. Simultaneously, several barriers are identified, including bureaucracy, overly theoretical teaching, and gender inequality, all of which negatively impact the perceived feasibility of starting a business. The research demonstrates that university sport is not only a matter of physical development but also a catalyst for entrepreneurial mindset formation. It underlines the importance of practical and experience-based learning strategies, as well as institutional support, to foster entrepreneurship among higher education students involved in sport. This dissertation contributes to the reflection on educational policies and support mechanisms for promoting sport-based entrepreneurship in academic contexts.

Keywords

Entrepreneurial Intention; Sport Entrepreneurship; Systematic Literature Review; Transferable Skills; University Sport.

Índice

Lista de Figuras	viii
Lista de Tabelas	ix
Lista de Acrónimos.....	x
Capítulo 1: Introdução e perspetiva geral da pesquisa.....	1
Capítulo 2: Revisão sistemática da literatura (Estudo 1)	7
2.1. Método de investigação.....	7
2.2. Análise descritiva	8
2.2.1. Produção anual	8
2.2.2. Abordagem metodológica	9
2.2.3. Revistas mais relevantes	10
2.2.4. Principais países.....	11
2.2.5. Artigos mais citados	12
2.3. Caracterização dos Grupos Temáticos	13
2.3.1. Grupo temático 1: Fatores intrínsecos.....	14
2.3.2. Grupo temático 2: Fatores contextuais	18
2.3.3. Grupo temático 3: Fatores sociodemográficos	20
2.4. Modelo integrativo dos grupos temáticos	26
2.5. Futuras linhas de investigação	27
Capítulo 3: Estudo empírico qualitativo (estudo 2)	29
3.1. Enquadramento teórico	29
3.2. Metodologia.....	31
3.2.1. Amostra e critérios de seleção.....	31
3.2.2. Instrumento de recolha de dados.....	32
3.2.3. Análise de dados.....	33
3.3. Resultados	33
3.3.1. Perfil empreendedor	34
3.3.2. Barreiras percebidas	37
3.3.3. Formação	40
Capítulo 4: Discussão Geral.....	45
4.1. Discussão de resultados	45
4.2. Implicações teóricas.....	49
4.3. Implicações práticas	50
Capítulo 5: Conclusões, limitações e investigações futuras	52
Capítulo 6: Referências bibliográficas.....	55

Lista de Figuras

Figura 1- Metodologia segundo o Modelo PRISMA.....	8
Figura 2- Número de publicações por ano	9
Figura 3-abordagem metodológica	10
Figura 4- Principais fontes dos artigos	11
Figura 5-Países com maior produtividade.....	12

Lista de Tabelas

Tabela 1- Área de estudo das revistas.....	11
Tabela 2- Artigos mais citados.....	13
Tabela 3- Autores por dimensão do grupo temático 1	14
Tabela 4- Autores por dimensão do grupo temático 2	18
Tabela 5- Autores por dimensão do grupo temático 3	21
Tabela 6- Modelo integrativo dos grupos temáticos	27
Tabela 7- Características da amostra	31
Tabela 8- Estrutura de dados: visão geral	34
Tabela 9- estrutura de dados do perfil empreendedor.....	35
Tabela 10- estrutura de dados das barreiras percebidas.....	37
Tabela 11- estrutura de dados da formação	40

Lista de Acrónimos

IE	Intenção Empreendedora
UBI	Universidade da Beira Interior
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
TCP	Teoria do Comportamento Planeado

Capítulo 1: Introdução e perspetiva geral da pesquisa

Nos últimos anos, o empreendedorismo tem vindo a afirmar-se como um motor essencial para o crescimento económico e a inovação em diversos setores, incluindo o desporto (Ratten & Ferreira, 2017). Tradicionalmente visto como uma atividade de cariz recreativo e competitivo, o desporto tem-se transformado numa poderosa indústria global, tendo o poder de influenciar significativamente a sociedade (Zhang et al., 2018). A crescente expansão deste setor tem proporcionado novas oportunidades de negócio, gerando conseqüentemente mais emprego e contribuindo ainda para o desenvolvimento local e global (Ratten, 2011). O seu impacto económico na sociedade moderna é indiscutível, sendo que dados do Eurostat (2023) mostram que o setor do desporto na União Europeia tem evidenciado um crescimento consistente. Em 2023, cerca de 1,55 milhões de pessoas estavam empregadas neste setor, correspondendo a 0,76 % do emprego total, valor que representa um aumento de 2,2 % face a 2022 (Bellver et al., 2022; Eurostat, 2023).

O desporto, como componente económica, contribui de forma relevante para o Produto Interno Bruto (PIB) em diversos países, promovendo melhorias em infraestruturas e realização de eventos (Pedauga et al., 2022). Grandes eventos desportivos, como as Olimpíadas (Gammon & Robinson, 2003), movimentam altos investimentos com repercussões positivas em relação a infraestruturas que são também benéficas para o turismo, lazer e outras atividades relacionadas com o desporto, destacando o impacto do mesmo (Terjesen, 2008) .

Neste contexto, o espírito empreendedor revela-se fundamental, sendo o motor para a criação de novas iniciativas de negócio, capazes de responder às tendências emergentes, às mudanças nos padrões de consumo e às necessidades de digitalização do setor (Ratten & Ferreira, 2017). Segundo Peredo & Chrisman (2006), uma abordagem empreendedora na indústria desportiva pode funcionar como um catalisador estratégico para potenciar o crescimento e gerar novas oportunidades de criação de valor, assumindo um papel central na diversificação de fontes de receita, no reforço da competitividade e na consolidação da resiliência económica do setor.

O empreendedorismo tem vindo a consolidar-se como um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento económico e social, sendo reconhecido como motor de inovação, geração de emprego e transformação social (Hammerschmidt et al., 2024). Este pode ser visto como um processo que se desenvolve ao longo do tempo, baseando-se nas seguintes diretrizes: (i) envolve a criação ou expansão de um negócio; (ii) implica a capacidade de aceitar riscos e fracassos; e, acima de tudo, (iii) inclui o talento para identificar, avaliar e explorar novas oportunidades (Alstete, 2002; Lee & Wong, 2004).

Atualmente, diversos estudos destacam a importância do empreendedorismo em múltiplos setores, desde a tecnologia à saúde e, mais recentemente, no desporto (Debognies et al., 2019). O conceito é, frequentemente, segmentado em diferentes tipos, conforme o objetivo e o contexto de

atuação. Por exemplo, o empreendedorismo clássico está centrado na criação de novos negócios de forma a gerar lucro e crescimento (Liñán, 2004). Por outro lado, o empreendedorismo social, mais relacionado com iniciativas sustentáveis de modo a responder a uma série de questões sociais, como por exemplo a desigualdade de género e a inclusão (Steinbrink & Ströhle, 2024; Svensson, 2017). De seguida, o empreendedorismo corporativo (intraempreendedorismo), que de acordo com Pinchot (1985), é um termo que se refere a funcionários que agem como empreendedores dentro das organizações já existentes, procurando benefícios organizacionais. Também é um conceito vinculado às iniciativas dos trabalhadores para desenvolverem novos projetos dentro dos limites de sua organização (Blackburn, 2014).

Por outro lado, o empreendedorismo desportivo destaca-se em relação aos demais pela sua vertente emergente que combina inovação, gestão e prática desportiva (Reier Forradellas et al., 2021). Este estudo concentra-se especificamente neste tipo de empreendedorismo, dado o seu carácter inovador e o crescimento contínuo do setor do desporto, impulsionado pela digitalização e novas oportunidades de mercado. Assim, pretende-se explorar como as características únicas do setor desportivo influenciam o comportamento empreendedor, para além de como a educação e as políticas públicas podem facilitar o surgimento de novas iniciativas no contexto desportivo. Este alargamento do conceito de empreendedorismo reflete a sua crescente importância nos diversos contextos, o que justifica o aumento do interesse por parte dos investigadores em compreender os fatores que impulsionam ou inibem a Intenção empreendedora (IE).

Segundo Ratten (2012), o empreendedorismo desportivo pode ser compreendido como a manifestação de valores e comportamentos voltados para a criação ou o desenvolvimento de iniciativas inovadoras no contexto desportivo, assumindo um papel importante no dinamismo económico, transformação social e geração de inovação. Empreender no desporto significa também intervir em estruturas existentes de forma a otimizar processos e explorar oportunidades de mercado, sendo uma opção atraente devido ao seu impacto global (Reier Forradellas et al., 2021).

A ligação entre desporto e empreendedorismo tem sido também analisada sob a perspetiva da sua contribuição para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), sendo o desporto um instrumento eficaz de inclusão, equidade e empoderamento de populações vulneráveis (Reier Forradellas et al., 2021). A prática desportiva, além de desenvolver competências físicas e sociais, permite a transferência de valores como disciplina, persistência e trabalho em equipa, sendo essas competências fundamentais ao perfil empreendedor (González-Serrano et al., 2017; Ratten & Ferreira, 2016). Especificamente no setor desportivo, González-Serrano, Prado-Gascó, et al. (2019) defendem o papel do desporto como impulsionador transversal dos ODS graças ao seu grande poder de influenciar a sociedade.

O ambiente desportivo é altamente dinâmico, competitivo e está em constante evolução, com as necessidades dos consumidores também a mudar rapidamente (Hammerschmidt et al., 2024). Nesse contexto, a inovação desempenha um papel fundamental, sendo essencial para a adaptação e crescimento do setor. Inovação pode ser definida como a introdução de algo novo ou

significativamente melhorado, seja um produto, processo, serviço ou modelo de negócios, que visa gerar valor agregado e responder de maneira mais eficaz às necessidades e expectativas dos consumidores (Pellegrini et al., 2020).

No setor desportivo, a inovação surge de diversas formas, como o desenvolvimento de novas modalidades desportivas, a criação de produtos tecnológicos para otimização do treino e da performance, e até a introdução de novas formas de consumo, como plataformas digitais (Hammerschmidt et al., 2024; Lara-Bocanegra, Bohórquez et al., 2024). Essas inovações não só impulsionam o setor desportivo, como também abrem novas oportunidades de negócio e contribuem para a evolução contínua do setor (Hammerschmidt et al., 2024).

Embora o empreendedorismo possa ser visto segundo diferentes óticas, com diferentes tipos, como o empreendedorismo clássico, social, corporativo, desportivo, entre outros, todos esses enfoques envolvem, em última análise, a orientação empreendedora, ou seja, a predisposição geral do indivíduo para adotar uma mentalidade voltada para a criação e inovação no mundo dos negócios (Gomes et al., 2021). A orientação empreendedora é um conceito mais amplo, que abrange a disposição de uma pessoa para procurar e explorar novas oportunidades de negócio, sem necessariamente refletir a intenção concreta de iniciar um empreendimento num momento específico (Gomes et al., 2021).

No entanto, no contexto desportivo, e considerando a crescente necessidade de entender como os indivíduos, como atletas ou gestores desportivos, se movem em direção ao empreendedorismo, a IE torna-se um termo essencial. Esta escolha de estudar a IE foi feita por se entender que esta é um preditor mais direto do comportamento empreendedor, funcionando como uma etapa inicial no processo de criação de um comportamento empreendedor (Krueger et al., 2000). Em vez de analisar apenas a orientação geral para o empreendedorismo, o estudo foca-se na IE devido ao seu carácter mais concreto e mensurável, refletindo melhor a disposição das pessoas no setor desportivo para realmente materializar suas ideias em projetos empreendedores.

A IE, entendida como a predisposição individual para iniciar um novo negócio (Krueger et al., 2000), surge como um conceito-chave para compreender o processo empreendedor, assumindo um papel central nesse campo (Alferaih, 2017). Esta intenção é, de acordo com Ajzen (1991) e Liñán & Chen (2009), o melhor preditor do comportamento empreendedor, funcionando como uma ponte entre atitudes e ações (Krueger et al., 2000). Esta é frequentemente influenciada por fatores como a formação académica, o ambiente económico e social em que estão inseridos e o acesso a redes de apoio (Liñán & Fayolle, 2015). No contexto desportivo, este conceito adquire contornos específicos uma vez que atletas, treinadores, gestores desportivos e outros agentes deste ecossistema apresentam trajetórias profissionais singulares, muitas vezes marcadas por transições de carreira e por uma forte identificação emocional com o setor (Vidal-Vilaplana et al., 2025).

A IE no desporto tem recebido cada vez mais atenção, especialmente na medida em que o desporto se torna um setor cada vez mais diversificado e inovador (Ratten & Ferreira, 2016). Este oferece múltiplas oportunidades para o desenvolvimento de novos negócios, desde clubes desportivos até

inovações em plataformas digitais. Atletas profissionais, por exemplo, têm sido identificados como um grupo particularmente propenso ao empreendedorismo, devido a uma combinação de características pessoais como resiliência, disciplina e capacidade de adaptação (Steinbrink et al., 2020). A natureza da carreira desportiva, que é, normalmente, curta e sujeita a aposentadoria precoce, faz com que muitos atletas procurem alternativas empreendedoras para garantir um futuro após a sua trajetória desportiva (Kenny, 2015). Steinbrink & Ströhle (2024) afirmaram ainda, com base num estudo por eles desenvolvido, que atletas de elite (profissionais) têm maior IE em relação aos que não são atletas e ainda que há uma relação positiva entre resiliência e IE.

Para além dos atletas profissionais, os estudantes de ciências do desporto também se destacam como um grupo com grande potencial empreendedor (Teixeira et al., 2018). Muitas das competências adquiridas durante a formação académica, como liderança, gestão de equipas e tomada de decisões em ambientes de alta pressão, são altamente transferíveis para o mundo dos desporto (Ratten & Ferreira, 2016). Esses estudantes estão frequentemente expostos a ambientes competitivos e dinâmicos, semelhantes aos que os empreendedores enfrentam, o que os torna particularmente aptos a identificar oportunidades de negócios no setor desportivo. De acordo com Teixeira et al. (2018), entre os diferentes estudantes universitários, os de ciências do desporto foram aqueles que mostraram maior tendência para empreender em relação aos alunos dos restantes cursos.

No entanto, tanto os atletas quanto os estudantes de ciências do desporto enfrentam várias barreiras quando se trata de materializar as suas intenções empreendedoras. A falta de apoio financeiro, os desafios em obter patrocínios e a escassez de recursos são obstáculos comuns, especialmente para aqueles que desejam iniciar os seus próprios negócios ou projetos dentro do setor desportivo (Ratten & Ferreira, 2016). Para além disso, a falta de educação empresarial específica para o desporto pode dificultar a transição de atletas e estudantes de ciências do desporto para o mundo do empreendedorismo (González-Serrano, Calabuig Moreno, et al., 2021a). O desenvolvimento de competências empresariais através da educação empreendedora muitas vezes não é abordado de forma eficaz no percurso académico, podendo gerar uma barreira para o sucesso de futuros empreendedores desportivos (Fayolle & Liñán, 2014).

A teoria mais utilizada para explicar a formação da intenção empreendedora é a Teoria do Comportamento Planeado (TCP), proposta por Ajzen (1991). Esta defende que a intenção para adotar um determinado comportamento depende de três fatores: a atitude em relação ao comportamento (grau de atratividade percebida em iniciar um negócio), a norma subjetiva (pressões sociais percebidas para empreender) e o controlo comportamental percebido (perceção de facilidade ou dificuldade para empreender). Através desta estrutura, é possível compreender como crenças individuais e contextos sociais influenciam as intenções dos indivíduos (Ajzen, 1991a). No entanto, González-Serrano et al. (2021) mostram que os três antecedentes variam a sua importância consoante o país e a cultura em questão.

Complementarmente, o Modelo do Evento Empreendedor (MEE), proposto por Shapero e Sokol (1982) (Schlaegel & Koenig, 2014), foca-se na viabilidade e desejabilidade percebidas para a

criação de um novo negócio, para além da presença de um “evento catalisador” que desperta a ação empreendedora. Apesar de as abordagens serem distintas, ambas reconhecem a IE como uma etapa essencial e anterior ao comportamento empreendedor propriamente dito (Fayolle & Liñán, 2014).

Vários fatores contribuem para a formação da IE no desporto. Entre os principais, destacam-se características pessoais como a autoeficácia, a proatividade, a criatividade e a resiliência (Teixeira e Forte, 2017). Por exemplo, estudos como os de Kumar e Shukla (2022) e Steinbrink e Ströhle (2024) mostram que indivíduos com traços proativos ou mais resilientes tendem a apresentar níveis mais elevados de IE, dado o seu maior conforto com a incerteza e desafios. Yar Hamidi et al. (2008) também demonstraram que pessoas criativas têm uma maior probabilidade de se tornarem empreendedoras, uma vez que a criatividade facilita a geração de ideias inovadoras e soluções originais.

Para além das características pessoais, existem também fatores contextuais e sociodemográficos que influenciam a IE. A educação para o empreendedorismo é um fator decisivo, especialmente no contexto universitário. Esta é definida como qualquer programa educativo que desenvolva atitudes e competências empreendedoras (Pellegrini et al., 2020), sendo frequentemente associada a um aumento da IE entre estudantes (Liñán & Chen, 2009). No setor do desporto, Ratten (2019) sublinha que a educação deve ser adaptada ao contexto específico da atividade física, promovendo aprendizagens práticas e baseadas em experiências reais. Além disso, a educação pode potenciar as competências empreendedoras já existentes, particularmente em estudantes de ciências do desporto, que tendem a apresentar um perfil mais propenso ao empreendedorismo (Teixeira et al., 2018).

O contexto sociocultural também influencia a IE. De acordo com Nowiński et al. (2019), a cultura do país, os valores sociais e os apoios institucionais/nível financeiro moldam a perceção dos indivíduos sobre o empreendedorismo, afetando diretamente a IE. González-Serrano et al. (2019) conduziram, inclusive, um estudo demonstrativo de que aqueles com piores condições financeiras têm menor IE do que aqueles com uma melhor condição financeira.

Perspetiva geral da pesquisa

Apesar da crescente importância do empreendedorismo no desporto, a literatura científica que aborda especificamente a IE neste contexto ainda é escassa e dispersa (Huertas González-Serrano et al., 2020). A maioria dos estudos existentes concentra-se em ambientes empresariais tradicionais ou em contextos de educação empreendedora genérica, negligenciando as particularidades do setor desportivo (Ratten, 2011). Como Pellegrini et al. (2020) apresentam, há uma série de questões ainda por explorar neste setor tão promissor. Compreender as motivações, barreiras e fatores facilitadores da intenção empreendedora no desporto é essencial para promover uma formação mais ajustada à realidade do setor e para potenciar o aparecimento de soluções inovadoras e sustentáveis (Teixeira & Forte, 2017).

Desta forma, a presente dissertação tem como objetivo geral estudar a relação entre intenção empreendedora e desporto, através de dois estudos: uma Revisão sistemática da literatura e um estudo empírico qualitativo. Pretende-se, assim, contribuir para uma visão integradora do estado da arte, identificando lacunas e propondo uma agenda de investigação futura.

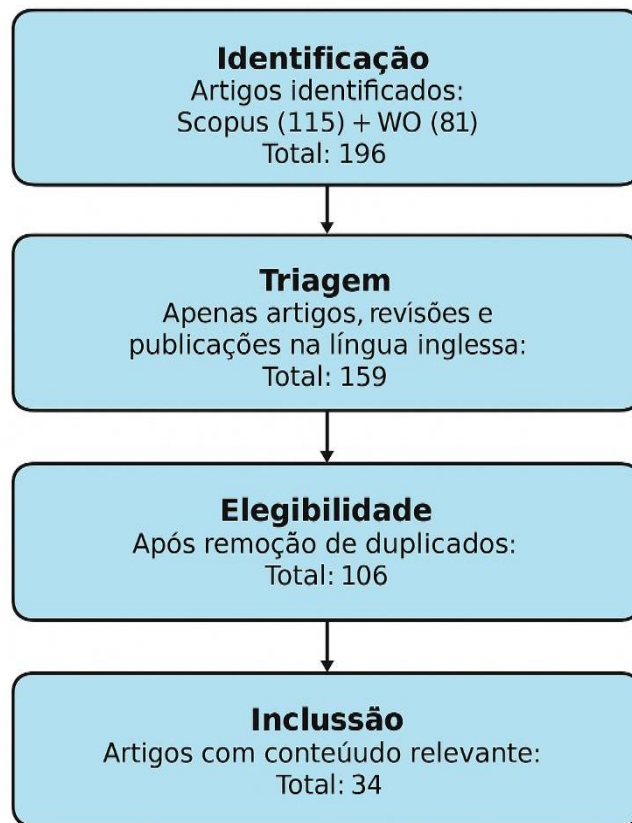
Deste modo, o trabalho está estruturado em 5 secções: inicia-se com uma introdução e apresentação da perspetiva geral da pesquisa, seguida do desenvolvimento do estudo 1 (secção 2), que consiste numa revisão sistemática da literatura com tópicos como o método de investigação, análise descritiva e os diferentes grupos temáticos identificados pelo autor. Após este primeiro estudo, é apresentado o segundo (secção 3), sendo este um estudo empírico qualitativo. Por fim, é feita uma discussão geral do estudo (secção 4) bem como a respetiva conclusão (secção 5).

Capítulo 2: Revisão sistemática da literatura (Estudo 1)

2.1. Método de investigação

Neste estudo é realizada uma Revisão sistemática da literatura, tendo sido apenas selecionados artigos considerados relevantes e pertinentes. O objetivo de uma revisão sistemática da literatura é mapear o conhecimento existente (Snyder, 2019) e fornecer uma base para uma síntese e avaliação do estado acumulado de conhecimento, ao mesmo tempo que identifica tendências e caminhos de futuras pesquisas (Jones & Gatrell, 2014). Foram utilizadas as bases de dados Scopus e ainda o Web of Science, ambas reconhecidas pela sua qualidade na publicação de artigos académicos.

A pesquisa realizada foi concluída no dia 11 de fevereiro de 2025, com os seguintes termos de pesquisa (título, resumo e palavras-chave) em ambas as bases de dados (Scopus e WOS): (entrepreneur* OR self-employment OR start-up) AND (intent* OR desire* OR willing*) AND (sport*). A pesquisa na Scopus resultou em 115 artigos. Aplicando os critérios de apenas artigos, revisões e idioma em inglês, o autor ficou com um total de 85 artigos. Por outro lado, a pesquisa na WOS resultou em 81 artigos, tendo de seguida aplicado os critérios de apenas artigos, revisões e idioma em inglês, tendo ficado com 74 artigos. Juntaram-se as 2 bases de dados e ficaram 159 artigos. Após isso, foram removidos os duplicados, tendo restado 106 artigos. De seguida, procedeu-se à leitura e análise dos mesmos, de maneira a identificar quais aqueles que se enquadram dentro do tema principal, entre os quais 34 publicações foram consideradas para efetuar todas as análises. Foram considerados como elegíveis os artigos que contivessem em simultâneo três tópicos, aquando a sua leitura e análise, sendo esses: “empreendedorismo”, “intenção” e “desporto”. Qualquer um que não respeitasse este critério foi excluído do grupo de estudo, garantindo assim uma base sólida para as conclusões do artigo. A figura 1 ilustra o processo de seleção dos artigos, seguindo o modelo PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*). Este modelo é utilizado de forma a garantir a clareza e transparência na apresentação de revisões sistemáticas e meta-análises (Liberati et al., 2009). Para além disso, o modelo PRISMA ajuda os investigadores a explicar de forma completa e precisa as metodologias usadas nas suas investigações, melhorando a qualidade e a utilidade dos estudos (Liberati et al., 2009).



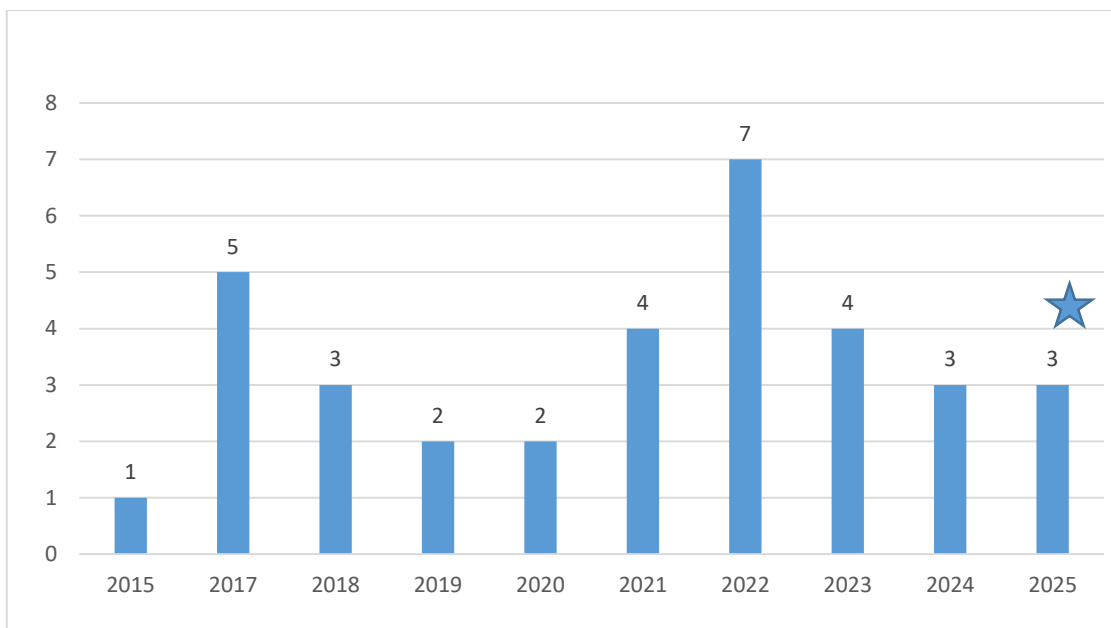
Fonte da imagem: criação do autor

Figura 1- Metodologia segundo o Modelo PRISMA

2.2. Análise descritiva

2.2.1. Produção anual

A distribuição dos artigos selecionados ao longo dos anos mostra um aumento considerável no número de publicações sobre a IE no desporto nos últimos anos, como se pode observar na figura 2. Houve uma crescente produção de estudos a partir de 2017, com um aumento significativo em 2022, onde se registrou o maior número de publicações (7 artigos). Esse aumento pode refletir o crescente interesse na área de empreendedorismo dentro do contexto desportivo nos últimos anos. Importa referir que a análise foi realizada até fevereiro de 2025, pelo que os dados desse ano podem ainda não refletir a totalidade das publicações previstas, tal como se pode observar na figura 2.



*em 2025, apenas foram contabilizados os artigos até ao mês de fevereiro (inclusive), sendo que é expectável que nesse ano haja mais publicações.

Figura 2- Número de publicações por ano

2.2.2. Abordagem metodológica

De entre os artigos selecionados, a grande maioria (27 artigos) optou por uma abordagem quantitativa. As análises estatísticas realizadas foram variadas, incluindo testes de correlação de Pearson (Gonzalez-Serrano et al., 2017) , regressão linear (Gonzalez-Serrano et al., 2018) e, em alguns casos, a utilização de modelagem de equações estruturais (González-Serrano et al., 2023; Ordiñana-Bellver et al., 2024), de forma a identificar relações entre as variáveis.

Apenas 3 estudos adotaram uma metodologia qualitativa. Estes artigos utilizaram, principalmente, entrevistas semiestruturadas e estudos de casos para explorar as motivações e barreiras ao empreendedorismo no contexto desportivo. A análise dos dados foi predominantemente temática, com o objetivo de identificar padrões emergentes e compreender de forma mais profunda os aspetos subjetivos da IE (Ratten, 2018; Rensburg & Kanayo, 2021; Roşu, 2022).

Dos 34 artigos que fazem parte deste estudo, apenas 2 foram revisões da literatura (Costa & Miragaia, 2022; Lara-Bocanegra et al., 2021). Esses estudos focaram-se na análise e síntese de pesquisas anteriores sobre a IE no desporto, oferecendo uma visão teórica abrangente sobre o estado atual da área, mas sem realizar recolha de dados primários.

Para além disso, houve 2 estudos que optaram por uma abordagem mista (González-Serrano, Valantine, Hammerschmidt, et al., 2023; Vidal-Vilaplana et al., 2025), tendo juntado as abordagens quantitativa e qualitativa, tal como é possível observar na figura 3.

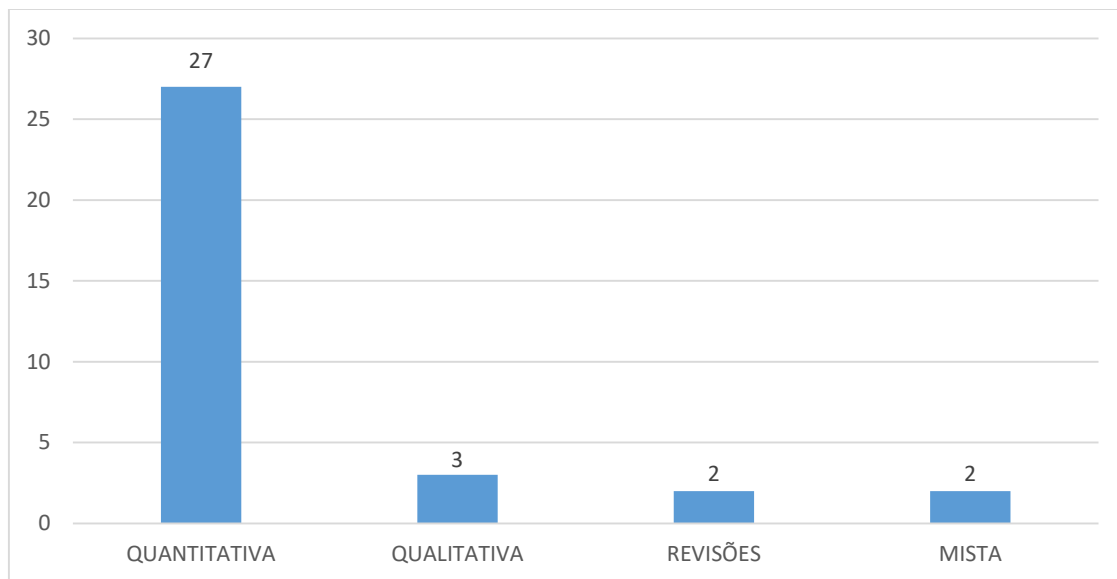


Figura 3-abordagem metodológica

2.2.3. Revistas mais relevantes

As principais fontes que publicaram os artigos analisados estão apresentadas na figura 4. A revista científica com maior número de publicações, tendo em conta a pesquisa elaborada é o *Journal of Hospitality Leisure Sport & Tourism Education*, contando com 5 artigos. Ela é relevante no campo do empreendedorismo desportivo, especialmente no contexto do turismo e lazer relacionados com o desporto. A segunda fonte mais relevante é a *International Entrepreneurship and Management Journal*, com o foco virado para o empreendedorismo internacional e gestão. A par desta fonte está o *Journal of Physical Education and Sport*, que reúne especialistas de diferentes áreas, como o desporto, a atividade física, a saúde, de forma a tentar perceber como é que o desporto influencia a vida humana. Ambas as fontes contam com 3 publicações. Com 2 estudos cada, seguem-se o *Journal of Entrepreneurship in Emerging Economies*, que aborda o empreendedorismo em contextos emergentes, e o *Journal of Entrepreneurship and Public Policy*, que foca nas relações entre políticas públicas e empreendedorismo, incluindo o setor desportivo, tal como mostra a figura 4.

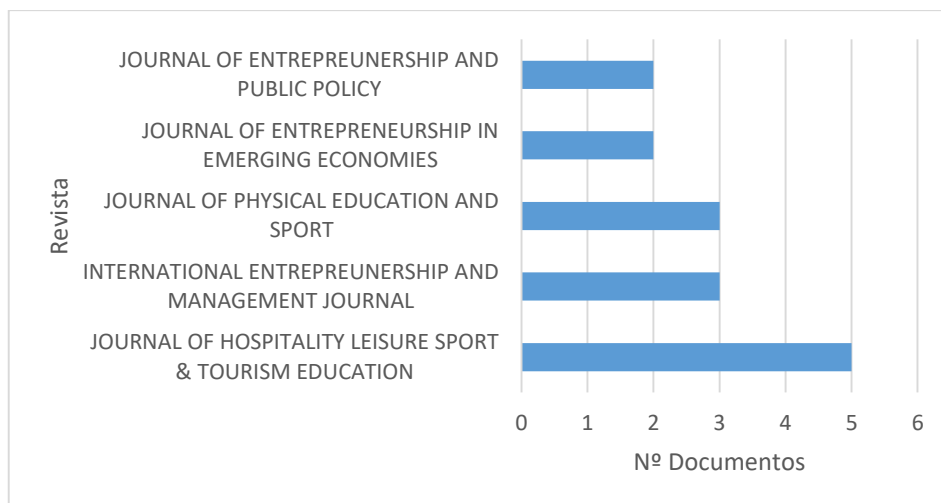


Figura 4- Principais fontes dos artigos

Foi realizada uma análise às revistas recorrendo ao *Scimago Journal Rank* (base de dados), onde é possível constatar as principais áreas de estudo das mesmas, de acordo com a tabela 1.

Tabela 1- Área de estudo das revistas

Revistas	Áreas de estudo
<i>Journal of Hospitality Leisure Sport & Tourism Education</i>	“Business, Management and Accounting” e “Social Sciences”
<i>International Entrepreneurship and Management Journal</i>	“Business, Management and Accounting”
<i>Journal of Physical Education and Sport</i>	“Health Professions”
<i>Journal of Entrepreneurship in Emerging Economies</i>	“Business, Management and Accounting” e “Economics, Econometrics and Finance”
<i>Journal of Entrepreneurship and Public Policy</i>	“Business, Management and Accounting” e “Social Sciences”

2.2.4. Principais países

A análise da produção científica sobre a IE no desporto revelou que a maior parte dos estudos foi realizada na Europa, com destaque para Espanha (16 estudos) e Portugal (7 estudos), sendo estes 2 países o principal centro de produção científica sobre a IE no desporto. Logo atrás, seguem-se outros países Europeus, como a Lituânia (4 estudos) e alguns asiáticos, como a China (2 estudos) e Taiwan (2 estudos), sendo demonstrativo também do crescente interesse pelo tema no

continente asiático. É apresentada a produção dos diversos países que fazem parte deste estudo na figura 5.

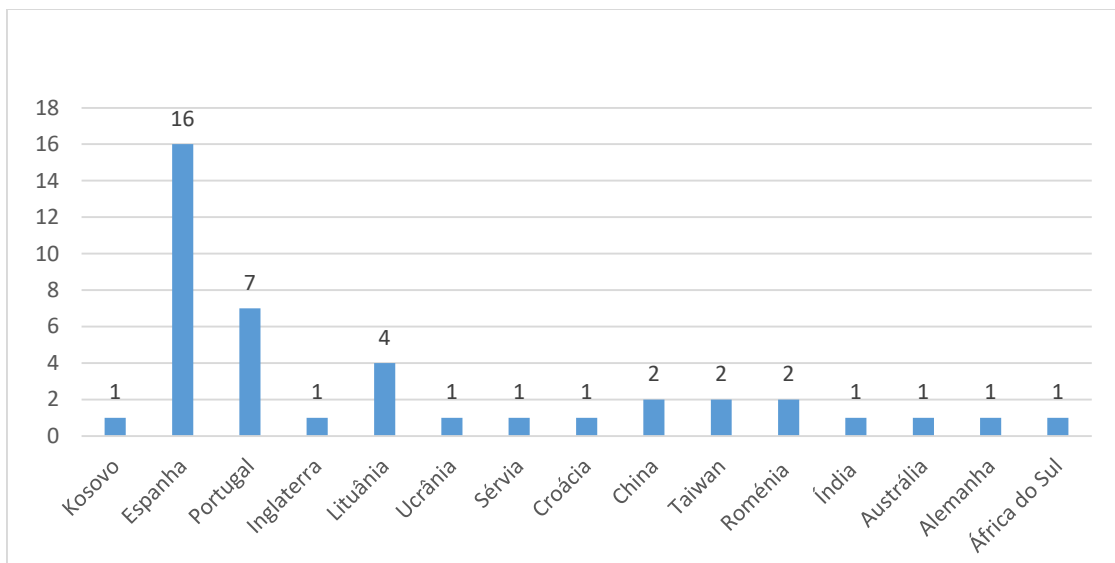


Figura 5-Países com maior produtividade

2.2.5. Artigos mais citados

A análise da literatura revela alguns autores fundamentais no campo do empreendedorismo desportivo, cujas contribuições têm sido amplamente reconhecidas. Entre os autores mais citados, destaca-se o estudo de do Paço et al. (2013), que figura como o artigo mais citado, com 98 citações. Publicado na *International Entrepreneurship and Management Journal*, o artigo “*Entrepreneurial intentions: is education enough?*” oferece uma análise abrangente sobre os fatores que influenciam a IE, com foco no contexto desportivo e na educação empreendedora, tendo sido essencial para a compreensão inicial da relação entre o empreendedorismo e o desporto.

Outros autores de relevância são Steinbrink et al. (2020), com o artigo “*Top athletes’ psychological characteristics and their potential for entrepreneurship*” publicado na *International Entrepreneurship and Management Journal*, contando com 35 citações. Este estudo expande a análise do empreendedorismo desportivo, abordando especificamente as características dos empreendedores no setor desportivo e o impacto de fatores como a educação empreendedora e género na IE.

González-Serrano et al. (2017), com 38 citações, publicaram o estudo “*The importance of developing the entrepreneurial capacities in sport sciences university students*” no *International Journal of Sport Policy*, oferecendo uma visão crítica sobre o empreendedorismo social no desporto, com ênfase nas políticas públicas e no apoio institucional, fundamentais para o sucesso

de iniciativas empreendedoras no setor. Por sua vez, Teixeira & Forte (2017), com 40 citações, contribuíram com uma investigação publicada na *Review of Managerial Science*, abordando o impacto do campo de estudo educacional nas intenções empreendedoras de estudantes universitários de desporto. Por outro lado, o trabalho de HU & Ye (2017), com 44 citações, publicado na *Social Behavior and Personality*, explora as barreiras psicológicas e sociais enfrentadas por empreendedores desportivos, destacando fatores como autoeficácia e confiança como determinantes no processo empreendedor. É possível observar na tabela 2.

Tabela 2- Artigos mais citados

AUTORES	ARTIGOS	REVISTAS	Nº CITACÕES
do Paço et al. (2013)	<i>Entrepreneurial intentions: is education enough?</i>	<i>International Entrepreneurship And Management Journal</i>	98
Steinbrink et al. (2020)	<i>Top athletes' psychological characteristics and their potential for entrepreneurship</i>	<i>International Entrepreneurship And Management Journal</i>	35
González-Serrano et al. (2017)	<i>The importance of developing the entrepreneurial capacities in sport sciences university students</i>	<i>International Journal Of Sport Policy</i>	38
Teixeira & Forte (2017)	<i>Prior education and entrepreneurial intentions: the differential impact of a wide range of fields of study</i>	<i>Review Of Managerial Science</i>	40
HU & Ye, (2017)	<i>Do entrepreneurial alertness and self-efficacy predict chinese sports major students' entrepreneurial intention?</i>	<i>Social Behavior And Personality</i>	44

2.3. Caracterização dos Grupos Temáticos

Os artigos selecionados foram organizados em três grupos temáticos: (1) Fatores intrínsecos, (2) Fatores contextuais e (3) Fatores sociodemográficos, sendo que todos eles são fatores que influenciam a IE no contexto desportivo

A definição e designação dos grupos temáticos apresentados nesta investigação resultou de um processo de análise sistemática da literatura e da síntese dos conceitos mais recorrentes nos artigos analisados (Ismail et al., 2024; Ordiñana-Bellver et al., 2024; Pérez-Macías et al., 2022; Tan et al., 2020; Xanthopoulou & Sahinidis, 2024). Tal estrutura permitiu organizar o conhecimento disponível em torno dos fatores que atuam diretamente sobre a formação da IE (fatores intrínsecos), dos elementos contextuais que moldam essa intenção (fatores contextuais) e das características individuais associadas a variáveis pessoais e sociais (fatores sociodemográficos), que influenciam o modo como os indivíduos percebem e reagem às

oportunidades empreendedoras (Ismail et al., 2024; Lara-Bocanegra, García-Fernández, et al., 2022a; Vidal-Vilaplana et al., 2025).

Esta categorização procurou refletir não apenas a frequência dos temas encontrados nos artigos analisados, mas também a relevância reconhecida por diversos autores, permitindo uma análise estruturada e coerente dos fatores que sustentam a IE no setor desportivo (González-Serrano, Valantine, Matić, et al., 2023).

2.3.1. Grupo temático 1: Fatores intrínsecos

Este grupo temático aborda a base do comportamento empreendedor, analisando um conjunto de fatores intrínsecos (características internas e pessoais) que moldam a forma como os indivíduos percebem a viabilidade, a atratividade e a sua própria capacidade para iniciar um negócio (Bajçinca-Brestovci et al., 2023; Gonzalez-Serrano et al., 2018; Naia et al., 2017) .

A literatura organiza estes fatores em duas grandes categorias: os conceitos da Teoria do Comportamento Planeado (TCP), associados a estruturas mentais como a percepção da viabilidade, a atratividade e o controlo percebido sobre o comportamento empreendedor; e os fatores psicossociais e de personalidade (Bajçinca-Brestovci et al., 2023), que dizem respeito a traços individuais como a motivação, o perfil de risco ou a criatividade (Bajçinca-Brestovci et al., 2023; Lin et al., 2025).

A tabela 3 mostra os artigos referentes a cada dimensão dentro do grupo temático 1 (fatores intrínsecos).

Tabela 3- Autores por dimensão do grupo temático 1

GRUPO TEMÁTICO	DIMENSÃO	AUTORES
Fatores intrínsecos (n=8)	Teoria do comportamento planeado	(Bajçinca-Brestovci et al., 2023; Bellver et al., 2022; Gonzalez-Serrano et al., 2018; González-Serrano, Valantine, Hammerschmidt, et al., 2023; Naia et al., 2017)
	Motivações e traços de personalidade	(Bajçinca-Brestovci et al., 2023; Lin et al., 2025; Lin & Liang, 2024; Pavan Kumar, 2021)

Teoria do comportamento planeado (TCP)

Nesta vertente, os principais fatores analisados derivam da TCP, a qual sustenta que a IE é função direta de três variáveis: atitude em relação ao comportamento empreendedor, norma subjetiva e controlo comportamental percebido (Ajzen, 1991; Naia et al., 2017). Segundo esta, as intenções antecedem o comportamento, sendo uma teoria essencial para entender a origem do comportamento empreendedor a partir de qualquer ação observável, podendo oferecer implicações importantes para formuladores de políticas públicas (Bajçinca-Brestovci et al., 2023). As intenções são consideradas de extrema importância, visto representarem o primeiro passo do processo empreendedor (González-Serrano, Valantine, Hammerschmidt, et al., 2023). Para além disso, quanto maior for a intenção de realizar um determinado comportamento, maior a probabilidade de que o comportamento seja, de facto, executado pelo indivíduo (González-Serrano, Valantine, Hammerschmidt, et al., 2023).

Estudos como os de Bajçinca-Brestovci et al. (2023) e de Naia et al. (2017) identificam que a atitude empreendedora, entendida como a avaliação e as expectativas/crenças dessa pessoa quanto ao impacto e aos resultados que podem derivar da atividade empreendedora, está associada a fatores como interesse pessoal, valorização social da iniciativa e perceção de benefício pessoal. Estas atitudes influenciam de forma muito positiva o grau de predisposição dos estudantes para iniciar um projeto próprio no setor desportivo, especialmente quando se articulam com a perceção de oportunidade (Gonzalez-Serrano et al., 2018; Naia et al., 2017).

O controlo comportamental percebido, geralmente associado ao conceito de autoeficácia empreendedora, surge como o fator intrínseco com maior peso estatístico nos modelos preditivos de intenção empreendedora (González-Serrano, Valantine, Hammerschmidt, et al., 2023). Como destacado por Gonzalez-Serrano et al. (2018), estudantes com elevada perceção de competência para gerir recursos, tomar decisões e lidar com desafios demonstram maior probabilidade de desenvolverem IE sobretudo em contextos como o desporto, um mundo onde se lida constantemente com a adversidade. Bellver et al. (2022) também mencionam o efeito positivo da autoeficácia naquilo que é a propensão ao risco, conduzindo assim a maiores intenções empreendedoras. Para além disso, o controlo comportamental percebido atua também como fator mediador de outras variáveis em outros grupos de fatores, afetando assim, direta e indiretamente, a IE (Gonzalez-Serrano et al., 2018; González-Serrano, Valantine, Hammerschmidt, et al., 2023).

Por outro lado, não há um consenso entre os autores da literatura quanto aos efeitos das normas subjetivas nas intenções empreendedoras, especialmente no contexto desportivo (Gonzalez-Serrano et al., 2018; Naia et al., 2017). Estas refletem as pressões sociais e culturais sobre o comportamento de uma pessoa e podem limitar a decisão de empreender ao influenciar a forma como os indivíduos percebem o apoio social e as expectativas externas em relação ao seu comportamento empreendedor (Naia et al., 2017). Estudos como o de Bajçinca-Brestovci et al. (2023) e Naia et al. (2017) indicam que a norma subjetiva é insignificante na previsão da IE, enquanto que Bellver et al., (2022) e Gonzalez-Serrano et al. (2018) mostram que a norma

subjativa ajuda a prever a IE. No geral, diversos autores defendem a insignificância daquilo que é a influência destas normas na intenção de começar um negócio, surgindo como um fator com influência positiva na intenção intraempreendedora (Bellver et al., 2022a; Gonzalez-Serrano et al., 2018).

Os fatores da TCP, como a atitude empreendedora e o controlo comportamental percebido, revelam-se determinantes na formação da IE, sobretudo no contexto desportivo (Gonzalez-Serrano et al., 2018). Embora a norma subjativa apresente resultados contraditórios, a literatura aponta para um papel menor na previsão da IE (Bajčinca-Brestovci et al., 2023). Assim, compreender estes fatores é crucial para promover políticas e programas eficazes de estímulo ao empreendedorismo.

Motivações e traços de personalidade

Entende-se por motivações e traços de personalidade as motivações profundas, padrões emocionais e características individuais que moldam a predisposição para o comportamento empreendedor, explicando as diferenças na forma como cada pessoa reage a situações de desafio ou incerteza (Lin & Liang, 2024). Entre estes traços, destaca-se a motivação intrínseca, que no contexto empreendedor é frequentemente definida como a “necessidade de realização” (*need for achievement*), ou seja, o impulso interno de superar objetivos, alcançar excelência e destacar-se perante os outros (Pavan Kumar, 2021).

Segundo Pavan Kumar (2021), indivíduos com forte inclinação para o desporto tendem a apresentar elevados níveis desta motivação, demonstrando vontade de se superar constantemente, sendo uma característica que se traduz, no domínio empreendedor, na procura por criar e desenvolver projetos próprios. Esta motivação não se limita à obtenção de recompensas externas, como lucro ou reconhecimento social, estando profundamente ligada à satisfação pessoal, à autorrealização e ao desejo de autonomia (Lin & Liang, 2024). Para além disso, a literatura evidencia que esta motivação se associa consistentemente a níveis mais elevados de persistência, criatividade e resiliência, atributos essenciais para sustentar o percurso empreendedor, sobretudo no setor desportivo onde a exigência, a competição e a pressão para alcançar resultados são intensas e constantes (Lin et al., 2025; Lin & Liang, 2024).

Na mesma linha de pensamento, a tolerância ao risco, entendida como a predisposição para agir perante situações de incerteza ou ambiguidade, está fortemente ligada à IE, inclusivamente no contexto do desporto (Lin & Liang, 2024). Esta característica psicológica leva indivíduos a assumirem decisões mais arriscadas, mesmo quando o sucesso não está garantido, traduzindo-se numa maior predisposição para iniciar negócios próprios (Bajčinca-Brestovci et al., 2023). Bajčinca-Brestovci et al. (2023) demonstram que estudantes com maior abertura a cenários imprevisíveis são mais propensos a considerar a criação de negócios, fenómeno que é particularmente evidente também entre atletas, cuja experiência competitiva proporciona ambientes de mais pressão e risco.

Importa salientar que a propensão ao risco não se distribui de forma homogénea entre diferentes contextos geográficos: indivíduos oriundos de países emergentes tendem a exibir níveis mais elevados de tolerância ao risco, motivados muitas vezes pela escassez de oportunidades estáveis no mercado formal de trabalho (Bajçinca-Brestovci et al., 2023). Este contexto fomenta o chamado empreendedorismo por necessidade, no qual o ato de empreender não surge como uma expressão de autonomia ou inovação, mas sim como uma estratégia de sobrevivência económica (Bajçinca-Brestovci et al., 2023). Em contraste, nos países desenvolvidos, a propensão ao risco tende a ser moderada, pois o empreendedorismo é frequentemente visto como uma escolha estratégica orientada por oportunidade, e não como uma obrigação imposta pelas circunstâncias socioeconómicas (Bajçinca-Brestovci et al., 2023). Desta forma, a propensão ao risco afeta diretamente a IE no desporto.

A resiliência e a criatividade surgem também como traços psicológicos fundamentais na predisposição empreendedora, sobretudo no contexto desportivo (Lin et al., 2025). A resiliência, entendida como a capacidade de recuperação perante a adversidade, manifesta-se no contacto constante dos atletas com a competição, o que contribui para o desenvolvimento de padrões de resistência psicológica diretamente aplicáveis à atividade empreendedora (Lin & Liang, 2024).

Paralelamente, a criatividade, definida como a aptidão para gerar soluções originais e inovar em contextos restritos, representa outro fator essencial (Lin & Liang, 2024). Estudos como o de Lin et al. (2025) demonstram ainda que estudantes com perfil criativo não apenas revelam maior intenção de empreender, mas também maior competência na formulação de ideias viáveis e ajustadas à realidade específica do setor desportivo. Assim, tanto a resiliência como a criatividade consolidam-se como competências psicológicas cruciais, potenciadas pela experiência desportiva, que podem favorecer significativamente a IE (Lin et al., 2025; Lin & Liang, 2024).

Este grupo temático aborda assim como é que tanto as variáveis da TCP, como os traços de personalidade influenciam a IE no contexto desportivo. Ambos podem exercer influência direta sobre a mesma, embora o façam por vias distintas (Naia et al., 2017). As variáveis da TCP, como a atitude empreendedora ou a autoeficácia, estão mais ligados à decisão consciente de empreender, atuando como variáveis imediatas na formação da intenção, de acordo com a TCP (Ajzen, 1991). Já as motivações e os traços de personalidade, como a motivação intrínseca ou a resiliência, são características psicológicas relativamente estáveis, que não determinam, por si só, a intenção, mas que criam uma predisposição favorável, muitas vezes através do fortalecimento das variáveis da TCP (Bajçinca-Brestovci et al., 2023; Lara-Bocanegra, Pedragosa, et al., 2024; Naia et al., 2017). Assim, ambos os grupos de fatores desempenham papéis importantes e interligados na formação da IE no setor desportivo.

2.3.2. Grupo temático 2: Fatores contextuais

O segundo grupo temático aborda os fatores contextuais, isto é, fatores que dizem respeito às condições envolventes que não dependem diretamente do indivíduo, como a cultura em que estão inseridos, as políticas públicas e a influência da proximidade de um membro empreendedor (González-Serrano, Calabuig Moreno, et al., 2021; González-Serrano et al., 2018, 2021; González-Serrano, Moreno, et al., 2017).

Importa salientar que, embora estes fatores não atuem diretamente sobre a decisão de empreender, exercem a sua influência de forma indireta, criando o contexto no qual os indivíduos desenvolvem as suas crenças, percepções e atitudes em relação ao empreendedorismo. Assim, fatores contextuais podem facilitar ou dificultar a formação da IE, ao moldarem os fatores intrínsecos que, em última análise, determinam a IE no setor desportivo (González-Serrano, Calabuig Moreno, et al., 2021). A tabela 4 mostra os artigos referentes a cada dimensão dentro do grupo temático 2 (fatores contextuais).

Tabela 4- Autores por dimensão do grupo temático 2

GRUPO TEMÁTICO	DIMENSÃO	AUTORES
Fatores contextuais (n=8)	Cultura	(González-Serrano, Calabuig Moreno, et al., 2019; González-Serrano et al., 2018, 2021; González-Serrano, Moreno, et al., 2017; González-Serrano, Valantine, Matić, et al., 2023)
	Políticas públicas e institucionais	(González-Serrano, Crespo Hervás, et al., 2017; Lara-Bocanegra et al., 2021; Lara-Bocanegra, García-Fernández, et al., 2022)
	Influência da proximidade de um membro empreendedor	(Lara-Bocanegra, García-Fernández, et al., 2022)

Cultura

A cultura desempenha um papel crucial na configuração do ambiente onde se desenvolve a IE, uma vez que molda valores, crenças e atitudes que influenciam a percepção do empreendedorismo como uma opção viável ou desejável (González-Serrano, Moreno, et al., 2017). Assim, os aspetos culturais atuam como fatores de enquadramento que condicionam a forma como os indivíduos vêem o mundo à sua volta (González-Serrano, Moreno, et al., 2017; González-Serrano, Valantine, Matić, et al., 2023).

Em culturas mais favoráveis ao empreendedorismo, observa-se, geralmente, uma maior intenção para empreender. González-Serrano et al. (2021) identificaram que estudantes de Ciências do Desporto em Portugal têm uma cultura mais favorável para isso mesmo quando comparados com os estudantes espanhóis. Ter uma cultura mais favorável significa que existe, entre estes estudantes, uma maior aceitação social da atividade empreendedora, maior valorização da

autonomia e da iniciativa individual, e uma percepção mais positiva das oportunidades de negócio no setor desportivo, assim como haver políticas públicas que incentivem o empreendedorismo (González-Serrano, Calabuig Moreno, et al., 2019). Para além disso, estes estudantes tendem a sentir-se mais confiantes nas suas capacidades para empreender e percebem menos barreiras sociais ou culturais à criação de novos projetos, influenciando assim os fatores da TCP (González-Serrano, Calabuig Moreno, et al., 2019; González-Serrano, Valantine, Matic, et al., 2023).

Um outro estudo comparativo entre Espanha e Lituânia reforça a ligação entre a cultura e as variáveis da TCP, mostrando que estudantes lituanos de Ciências do Desporto apresentaram valores significativamente mais elevados de IE, controlo comportamental percebido e atitude empreendedora (González-Serrano et al., 2018). González-Serrano et al. (2018) defendem a possibilidade de existir uma maior participação em programas de educação empreendedora na Lituânia. Já os estudantes espanhóis, inseridos numa cultura menos individualista, evidenciaram uma maior influência da norma subjetiva na IE, refletindo maior influência das opiniões de familiares e amigos nas suas decisões de empreender (González-Serrano et al., 2018). Estes resultados demonstram como a cultura não apenas molda a predisposição geral para empreender, mas influencia de forma específica as variáveis psicológicas que sustentam essa intenção, alterando, inclusive, o peso relativo de fatores como o Controlo comportamental percebido ou a Atitude empreendedora na formação da intenção empreendedora (González-Serrano, Moreno, et al., 2017; González-Serrano et al., 2018; González-Serrano, Calabuig Moreno, et al., 2019; González-Serrano, González-García, et al., 2021a; González-Serrano, Valantine, Matic, et al., 2023).

Políticas públicas e institucionais

Para além do ambiente cultural, destaca-se ainda o papel das políticas públicas e institucionais, nomeadamente no âmbito do ensino superior, como alavancas estratégicas para promover o empreendedorismo desportivo. O estudo de González-Serrano, Crespo Hervás, et al. (2017) defende que a educação universitária deve ser entendida como uma política ativa de promoção do empreendedorismo, ao integrar no currículo conteúdos que desenvolvam não apenas competências técnicas, mas também capacidades empreendedoras, como criatividade, reconhecimento de oportunidades e desenvolvimento de novos produtos e serviços. Neste sentido, é fundamental que as políticas públicas e institucionais não se limitem a promover ações pontuais, mas que atuem na criação de um ecossistema empreendedor mais prático, estável e acessível (González-Serrano, Crespo Hervás, et al., 2017; Lara-Bocanegra et al., 2021)

A literatura menciona que as condições financeiras exercem uma influência considerável sobre as intenções empreendedoras no setor desportivo, pois afeta o acesso a recursos essenciais para iniciar e manter um negócio (Lara-Bocanegra, García-Fernández, et al., 2022). Indivíduos com maior poder financeiro têm mais facilidade em adotar comportamentos empreendedores no setor desportivo, pois isso aumenta significativamente o sentimento de autoeficácia. Para além disso, o acesso a recursos financeiros reforça a percepção de viabilidade, permitindo aos estudantes

acreditar que as suas ideias de negócio são possíveis de realizar e sustentáveis, mesmo em setores exigentes como o desporto (Lara-Bocanegra, García-Fernández, et al., 2022).

Por outro lado, quando as condições financeiras são menos favoráveis, surgem barreiras que podem dificultar a implementação de ideias empreendedoras, não apenas pela falta de recursos, mas também porque tal limitação influencia negativamente fatores cognitivos cruciais para a IE, como a perceção de controlo e a atitude face ao empreendedorismo (Lara-Bocanegra, García-Fernández, et al., 2022). Indivíduos com menos recursos desenvolvem uma perceção de viabilidade muito reduzida, associando o ato de empreender a um risco excessivo e a possíveis consequências económicas negativas, o que gera atitudes menos favoráveis (Lara-Bocanegra, García-Fernández, et al., 2022). Neste aspeto, o estado desempenha um papel crucial, pois políticas públicas que facilitam o acesso a financiamento neste setor podem ajudar a superar as barreiras económicas e a aumentar as intenções empreendedoras em contextos de menor poder financeiro (Lara-Bocanegra, García-Fernández, et al., 2022).

Influência da proximidade de um membro empreendedor

A presença de um membro próximo com experiência empreendedora revela-se também um fator relevante na formação da perceção de viabilidade para empreender (Lara-Bocanegra, García-Fernández, et al., 2022). A literatura indica que os estudantes que têm familiares empreendedores tendem a acreditar mais na sua capacidade para concretizar um negócio, atuando estes como referências (Lara-Bocanegra, García-Fernández, et al., 2022). Ainda que tal influência não se traduza imediatamente em IE, o simples facto de existirem exemplos concretos e próximos de empreendedorismo pode contribuir para normalizar esse percurso e reduzir a perceção de risco ou incerteza (Lara-Bocanegra, García-Fernández, et al., 2022). Assim, a familiaridade com contextos empreendedores, mesmo que apenas por observação, pode constituir um “germe” valioso a explorar (Lara-Bocanegra, García-Fernández, et al., 2022).

Assim sendo, ao considerar estes fatores, torna-se evidente que, enquanto que os aspetos intrínsecos formam a base da intenção empreendedora, os fatores contextuais desempenham um papel crucial na viabilidade e sucesso dos comportamentos empreendedores desportivos, evidenciando a necessidade de um ambiente de apoio e políticas públicas que favoreçam a inovação e o empreendedorismo no setor (Lara-Bocanegra, García-Fernández, et al., 2022). Importa ainda salientar que as atitudes empreendedoras são, em grande parte, moldadas pelas opiniões e influências de familiares, amigos próximos e outras pessoas próximas, que podem reforçar ou inibir a perceção de valor e de viabilidade do ato de empreender (Lara-Bocanegra, García-Fernández, et al., 2022).

2.3.3. Grupo temático 3: Fatores sociodemográficos

O terceiro grupo temático diz respeito aos fatores sociodemográficos, podendo estes influenciar a forma como os indivíduos percecionam as suas capacidades, oportunidades e barreiras no

processo de empreender. Neste grupo temático, analisam-se quatro dimensões particularmente relevantes: a idade, o género, a educação e a experiência desportiva.

A tabela 5 mostra os artigos referentes a cada dimensão dentro do grupo temático 3 (fatores sociodemográficos).

Tabela 5- Autores por dimensão do grupo temático 3

GRUPO TEMÁTICO	DIMENSÃO	AUTORES
Fatores sociodemográficos (n=18)	Idade	(Lara-Bocanegra, Pedragosa, et al., 2024; Teixeira & Forte, 2017)
	Género	(Costa & Miragaia, 2022; da Costa et al., 2023; HU & Ye, 2017; Puyana et al., 2019; Rodrigues et al., 2020)
	Educação	(da Costa et al., 2023; do Paço et al., 2013; González-Serrano, Calabuig Moreno, et al., 2021; Lara-Bocanegra, Bohórquez, et al., 2022; Roşu, 2022; A. Teixeira & Forte, 2017)
	Experiência Desportiva	(Ordiñana-Bellver et al., 2024; Ratten, 2018; Rensburg & Kanayo, 2021; Ştefănică et al., 2024; Steinbrink et al., 2020; Vidal-Vilaplana et al., 2025; Zhou et al., 2021)

Idade

A influência da idade na IE surge na literatura como um fator moderador que condiciona a forma como os indivíduos percecionam as suas capacidades e oportunidades (Lara-Bocanegra, Pedragosa, et al., 2024).

Lara-Bocanegra, Pedragosa, et al. (2024) indicam que a idade apresenta um efeito positivo, mas estatisticamente fraco, sobre a IE, referindo que estudantes mais velhos tendem, ligeiramente, a demonstrar maior predisposição para empreender, fenómeno que os autores atribuem à maior experiência prática ou profissional acumulada. Teixeira & Forte (2017) defendem também que indivíduos mais velhos tendem a demonstrar uma maior disposição para empreender, um fenómeno associado pelos autores à maior experiência profissional e à capacidade de tomar decisões em ambientes incertos, desenvolvidas ao longo da sua trajetória.

Embora a idade não seja identificada como um determinante direto da criação de novos negócios, ela reforça a IE ao aumentar a perceção de autoeficácia. Nesse sentido, a idade pode ser vista como um fator moderador, que potencializa a transformação das intenções empreendedoras em ações concretas, particularmente ao longo da trajetória profissional que permite ao indivíduo uma visão mais ampla das oportunidades e dos riscos envolvidos no empreendedorismo (A. Teixeira & Forte, 2017).

Apesar de tudo, a literatura relativamente a este aspeto continua a ser escassa algo inconclusiva, sendo necessário realizar mais estudos que clarifiquem de que forma a idade condiciona a intenção empreendedora, especialmente no contexto específico do desporto (Lara-Bocanegra, Pedragosa, et al., 2024; Teixeira & Forte, 2017).

Género

Convém também não desvirtuar o papel do género, em especial no caso das mulheres, enquanto fator moderador relevante na relação entre características psicológicas e a IE no desporto (Costa & Miragaia, 2022; da Costa et al., 2023; Puyana et al., 2019; Rodrigues et al., 2020). Apesar dos progressos alcançados na igualdade de género, as mulheres no setor desportivo continuam a enfrentar barreiras estruturais e culturais, que se refletem numa menor confiança nas suas capacidades empreendedoras e numa perceção mais acentuada das dificuldades de acesso a financiamento, redes de contacto e oportunidades de liderança (Costa & Miragaia, 2022; Rodrigues et al., 2020).

Para além da menor autoeficácia, as mulheres apresentam frequentemente níveis mais elevados de aversão ao risco, o que pode limitar a sua predisposição para empreender (Costa & Miragaia, 2022; Rodrigues et al., 2020). Da Costa et al. (2023) evidenciam ainda que as mulheres tendem a valorizar mais a segurança e a estabilidade profissional, preferindo percursos intraempreendedores ou funções de apoio dentro de organizações, ao invés de assumirem a criação de negócios próprios, sobretudo em setores tradicionalmente masculinos como o desporto. Para além disso, fatores como a ausência de modelos femininos empreendedores, os estereótipos de género e a perceção de menor legitimidade no contexto desportivo constituem obstáculos adicionais que condicionam a IE das mulheres (da Costa et al., 2023; Rodrigues et al., 2020). Da Costa et al. (2023) conclui ainda que o impacto das normas subjetivas tende a ser significativamente menor entre as mulheres, que muitas vezes atribuem maior relevância a fatores como a autoeficácia na formação da sua IE.

Contudo, a literatura apresenta resultados contraditórios, havendo autores que defendem que a influência do género na IE está a diminuir, fruto de um contexto de crescente igualdade e da inclusão progressiva de mulheres em posições de destaque no setor desportivo (Puyana et al., 2019). Destaca-se o papel da educação empreendedora orientada para mulheres como estratégia eficaz para ultrapassar barreiras psicológicas, como a falta de autoconfiança ou as dúvidas sobre a sua competência naquilo que é o setor desportivo (Costa & Miragaia, 2022).

Apesar das diferenças contextuais observadas em diversos estudos, existe um relativo consenso na literatura de que a IE feminina tende a ser inferior à masculina, resultado das barreiras psicológicas, culturais e estruturais que continuam a condicionar o percurso das mulheres no setor desportivo (Costa & Miragaia, 2022; da Costa et al., 2023; Rodrigues et al., 2020).

Educação

Com o intuito de oferecer aos estudantes as capacidades necessárias para transformar a paixão pelo desporto em negócios sustentáveis e empreendedores, a educação empreendedora desempenha um papel essencial no aumento das intenções empreendedoras no setor desportivo (González-Serrano, Calabuig Moreno, et al., 2021). A literatura aponta que a presença de disciplinas específicas sobre empreendedorismo, bem como a participação em workshops ou estágios contribuem significativamente para aumentar a confiança dos estudantes nas suas capacidades empreendedoras percebidas (González-Serrano, Calabuig Moreno, et al., 2021). Para além dos conteúdos mais técnicos, como gestão financeira, marketing ou organização de eventos, estas experiências práticas proporcionam uma visão realista das exigências do mercado desportivo e ajudam os estudantes a identificar oportunidades concretas para transformar a sua paixão pelo desporto em negócios sustentáveis (Lara-Bocanegra, Bohórquez, et al., 2022). É de salientar ainda que estes programas têm um impacto muito positivo na perceção de desejabilidade e na viabilidade percebida pelos estudantes, evidenciando que a educação empreendedora atua como variável determinante dos fatores cognitivos dos alunos de ciências do desporto (Lara-Bocanegra, Bohórquez, et al., 2022).

No entanto, importa realçar que, embora muitos estudantes reconheçam possuir competências pessoais adequadas para desenvolver uma atividade empreendedora, revelam, paradoxalmente, não se sentirem preparados para criar uma empresa, evidenciando uma lacuna no conhecimento prático dos procedimentos necessários (da Costa et al., 2023). Esta contradição pode ser explicada, em parte, pela ausência de programas educacionais mais práticos e também pelo facto de grande parte do grupo de participantes destes estudos ser constituída por alunos provenientes de várias áreas do desporto, cuja formação não está especificamente orientada para a gestão desportiva ou para disciplinas mais técnicas (da Costa et al., 2023). Outra explicação pode ser o facto de a oferta de programas educacionais em empreendedorismo ainda ser insuficiente e muito dispersa, carecendo de maior integração e sistematização no currículo académico (da Costa et al., 2023).

Embora a educação empreendedora desempenhe um papel essencial no desenvolvimento da IE, não se pode descartar a importância da área de estudo naquilo que é a IE (Teixeira & Forte, 2017). Estudos como o de Teixeira & Forte (2017) demonstram que a área de estudo é um preditor forte das intenções empreendedoras, na medida em que influencia fatores cognitivos como a perceção de atratividade e de viabilidade do empreendedorismo. Roşu (2022) destaca também que a IE não é só influenciada pela educação nesse aspeto, mas também por fatores como a paixão pela área e experiência prévia. Estes autores mostram que existem diferenças estatisticamente significativas entre áreas: por exemplo, áreas criativas e ligadas a atividades de lazer, como Artes, Humanidades, Desporto, ou até áreas como Direito e Ciências da Saúde (nomeadamente Farmácia e Veterinária) apresentam níveis mais elevados de IE, mesmo não sendo áreas tradicionalmente associadas ao empreendedorismo (Teixeira & Forte, 2017). Isto contraria a

percepção clássica de que apenas estudantes de Economia, Gestão ou Engenharias têm maior tendência para empreender (Teixeira & Forte, 2017).

Por outro lado, a influência da área de estudo está fortemente ligada a outros fatores também (Teixeira & Forte, 2017). Verificou-se que estudantes do gênero masculino, mesmo em áreas ligadas ao desporto, revelaram maiores pontuações de comportamento e IE do que estudantes do gênero feminino matriculadas numa escola de empreendedorismo, não sendo o expectável (do Paço et al., 2013). Estes resultados mostram que a área de estudo, embora relevante, não é determinante de forma isolada, estando muitas vezes a IE associada a outras variáveis contextuais e pessoais (do Paço et al., 2013; Teixeira & Forte, 2017).

Contudo, a literatura indica que, apesar da existência de programas de educação empreendedora, nem todos os estudantes se sentem devidamente preparados para iniciar um negócio, o que reforça a importância de adaptar estes programas a diferentes perfis académicos e de integrar mais componentes práticas que permitam desenvolver competências aplicáveis ao contexto real (do Paço et al., 2013).

Experiência desportiva

A análise da literatura existente revela que os atletas, em geral, devido à sua experiência prática no desporto, desenvolvem um conjunto de competências altamente valorizadas no mundo dos negócios, facilitando a transição para o empreendedorismo (Ratten, 2018). Vários autores relatam nos seus trabalhos que a prática desportiva incute aos atletas não apenas disciplina e foco, mas também valores como ética, resiliência e uma forte motivação para melhorar constantemente, o que molda o seu caráter, influenciando as suas decisões tanto na vida pessoal como na esfera empresarial (Ordiñana-Bellver et al., 2024; Rensburg & Kanayo, 2021). Esta constante procura de superação pessoal traduz-se numa maior confiança nas suas capacidades e predisposição para enfrentar desafios complexos, aspetos fundamentais para quem deseja empreender (Zhou et al., 2021).

O empreendedorismo desportivo é, assim, frequentemente encarado como uma extensão natural da carreira de um atleta (Ordiñana-Bellver et al., 2024). A experiência constante de enfrentar adversidades e competir em ambientes exigentes fornece uma base sólida para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras, como a capacidade de tomar decisões sob pressão, lidar com o fracasso e gerir a incerteza (Ordiñana-Bellver et al., 2024). Os autores identificam que os atletas apresentam, frequentemente, níveis mais elevados de IE do que os não-atletas, precisamente devido a estas vivências práticas e fatores psicológicos, tornando-os mais confiantes e dispostos a adotar comportamentos empreendedores (Ordiñana-Bellver et al., 2024; Ratten, 2018; Ștefănică et al., 2024).

No entanto, a IE não é homogénea entre todos os atletas, havendo uma diferenciação entre atletas profissionais e atletas amadores (Ordiñana-Bellver et al., 2024; Steinbrink et al., 2020; Vidal-

Vilaplana et al., 2025). Atletas profissionais, cuja atividade principal é a prática desportiva, tendem a demonstrar níveis mais elevados de IE, motivados não apenas pelo desejo de manter ligação ao mundo do desporto após o término da carreira competitiva, mas também pela necessidade de garantir estabilidade financeira e segurança futura, conscientes da curta duração e incerteza associadas às suas carreiras desportivas (Steinbrink et al., 2020; Vidal-Vilaplana et al., 2025). A maioria destes atletas possuem maior visibilidade pública, acesso a redes de contactos mais extensas e recursos financeiros que lhes permitem explorar oportunidades de negócio no setor, reforçando a sua perceção de viabilidade e controlo comportamental percebido, fatores essenciais na formação da IE (Vidal-Vilaplana et al., 2025).

Em contraste, os atletas amadores, que normalmente conciliam o desporto com outras ocupações profissionais ou académicas, apresentam uma IE geralmente mais baixa, não só porque encaram o desporto sobretudo como uma atividade de lazer ou complemento pessoal, mas também porque dispõem de menos recursos financeiros e contactos estratégicos para investir num negócio próprio (Steinbrink et al., 2020). Para além disso, os atletas amadores, embora beneficiem igualmente de competências emocionais e comportamentais desenvolvidas através da prática desportiva, como disciplina e resiliência, tendem a apresentar maior aversão ao risco e incerteza em relação aos atletas profissionais, diminuindo a IE (Steinbrink et al., 2020). Assim, a literatura sugere que, embora tanto profissionais como amadores possam revelar competências empreendedoras, o nível de IE é geralmente superior entre os atletas profissionais, impulsionado por motivações económicas, planeamento de carreira pós-desportiva e maior perceção de viabilidade dos negócios no setor (Steinbrink et al., 2020; Vidal-Vilaplana et al., 2025).

Para além da diferenciação de atletas, é importante ter em conta também o tipo de desporto e a sua influência sobre a IE (Steinbrink et al., 2020). A prática de desportos de alto risco, como escalada, motocross ou paraquedismo, pode estar associada a níveis mais elevados de IE, em comparação com atletas de modalidades consideradas de menor risco, como futsal, futebol ou atletismo (Steinbrink et al., 2020). Isto deve-se ao facto de os desportos de alto risco exigirem o desenvolvimento de uma mentalidade de aceitação do risco e de tomada de decisões rápidas, fatores que podem facilitar a predisposição para decisões empreendedoras mais ousadas, havendo a necessidade de mais estudos sobre esta temática (Steinbrink et al., 2020).

Por outro lado, atletas que conciliam a carreira desportiva com a educação académica, ou seja, que seguem uma carreira dupla, tendem a apresentar uma maior IE (Ordiñana-Bellver et al., 2024; Vidal-Vilaplana et al., 2025). A combinação entre experiência prática no desporto e formação académica oferece uma base sólida para o ingresso no mundo empresarial, ao proporcionar conhecimentos específicos de gestão, marketing e inovação, que se juntam às competências emocionais e comportamentais adquiridas através da prática desportiva (Vidal-Vilaplana et al., 2025). A educação surge, assim, como um fator determinante, ao aumentar a confiança dos atletas na sua capacidade para gerir projetos e identificar oportunidades de negócio,

potenciando a intenção empreendedora (Ordiñana-Bellver et al., 2024; Vidal-Vilaplana et al., 2025).

Apesar de tudo, a transição para o empreendedorismo pode representar um desafio significativo, sobretudo para atletas que enfrentam limitações financeiras ou falta de apoio institucional (Ordiñana-Bellver et al., 2024). Ordiñana-Bellver et al. (2024) destacam a falta de apoio dada pelos clubes após o término da carreira dos atletas como uma das principais causas para estes não seguirem o empreendedorismo desportivo. Steinbrink et al. (2020) sublinham que as políticas públicas desempenham um papel essencial neste processo, sendo fundamentais para facilitar o acesso a financiamento, formação e redes de apoio, elementos críticos para garantir que os atletas consigam ultrapassar as barreiras económicas e transformar as suas competências em iniciativas empresariais bem-sucedidas.

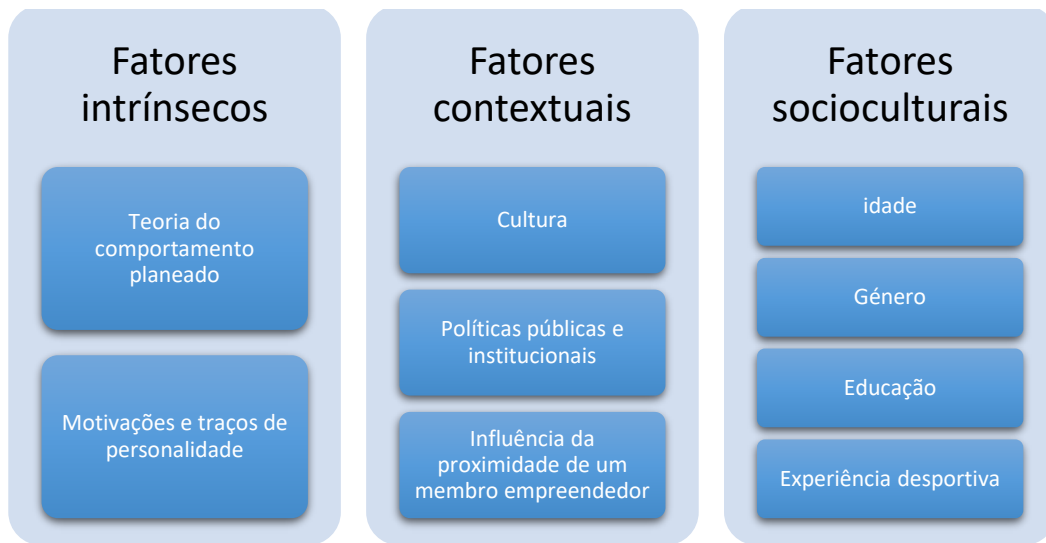
Assim sendo, embora os atletas possuam um conjunto de características e competências particularmente alinhadas com o perfil empreendedor, fatores como o tipo de modalidade desportiva, a conjugação com a formação académica e as condições financeiras, continuam a influenciar significativamente a sua IE no setor desportivo (Ordiñana-Bellver et al., 2024; Rensburg & Kanayo, 2021; Steinbrink et al., 2020). Importa ainda referir que, apesar dos avanços nesta área, a literatura ainda é relativamente escassa, evidenciando a necessidade de mais investigação.

2.4. Modelo integrativo dos grupos temáticos

A partir da revisão da literatura e da análise detalhada dos artigos selecionados, foi possível construir um modelo integrativo que sistematiza as relações entre os diferentes grupos temáticos identificados neste trabalho.

A IE no setor desportivo emerge como um fenómeno complexo influenciado por uma interação dinâmica entre fatores intrínsecos, contextuais e sociodemográficos. O modelo integrativo desenvolvido nesta pesquisa reconhece que a formação da IE depende não apenas das características pessoais e psicológicas dos indivíduos, mas também das condições externas que moldam suas perceções e comportamentos, tal como mostra a tabela 6.

Tabela 6- Modelo integrativo dos grupos temáticos



No grupo temático 1, os elementos da TCP, como a atitude empreendedora e o controlo comportamental percebido, têm uma influência direta e imediata sobre a IE, sendo considerados os principais determinantes psicológicos na decisão de empreender. Além disso, os traços de personalidade, como a motivação intrínseca, a resiliência e a criatividade, atuam de forma tanto direta quanto indireta, fortalecendo a percepção de viabilidade e a percepção de autoeficácia, o que aumenta a disposição para iniciar um negócio no setor desportivo.

O grupo temático 2 agrega fatores que, embora não afetem diretamente a IE, criam o contexto no qual as intenções empreendedoras podem florescer ou ser desencorajadas. Aspetos como a cultura, as políticas públicas de incentivo e a influência de alguém próximo ser empreendedor influenciam as crenças dos indivíduos sobre a viabilidade e desejabilidade de empreender.

Finalmente, no grupo temático 3, fatores como a idade, o género, a educação e a experiência desportiva moldam as percepções individuais sobre as oportunidades empreendedoras. A experiência desportiva, em particular, é vista como uma fonte valiosa de competências transversais, que são transferíveis para o empreendedorismo e que, em muitos casos, aumentam a intenção empreendedora, especialmente entre atletas profissionais e estudantes de ciências do desporto.

2.5. Futuras linhas de investigação

Apesar dos avanços nesta área, subsistem lacunas que abrem espaço a futuras linhas de investigação. Seria relevante comparar estudantes universitários de ciências do desporto de diferentes países perceber de que modo isso influencia a IE (González-Serrano et al., 2021). Outro

aspecto importante a investigar seria perceber realmente qual o impacto do gênero nas intenções empreendedoras (Bajčinca-Brestovci et al., 2023).

Para além disso, perceber quais os fatores que influenciam a percepção de risco entre os atletas, sendo ainda importante perceber quais os tipos de empreendedorismo que os atletas profissionais podem escolher após o término das suas carreiras, sendo também necessário realizar estudos qualitativos nesta área do desporto, dada a abundância de estudos quantitativos e a falta de estudos qualitativos (Steinbrink et al., 2020). Rensburg & Kanayo (2021) referem ainda a necessidade de futuras investigações explorarem os efeitos poderosos que o envolvimento no desporto e o treino físico exercem na mentalidade dos empreendedores, especialmente no que diz respeito ao impacto psicológico e na capacidade de tomada de decisões. Acresce ainda a necessidade de haver mais investigações sobre intenção empreendedora e desporto universitário, dada a escassez de investigações nesta área.

Capítulo 3: Estudo empírico qualitativo (estudo 2)

O Estudo 2 surge na sequência da revisão sistemática da literatura realizada no Estudo 1. Embora existam alguns estudos sobre a intenção empreendedora (IE) no contexto desportivo, a maioria adota abordagens quantitativas, não explorando em profundidade as perceções individuais, as experiências pessoais e os fatores contextuais que moldam essa intenção (Costa & Miragaia, 2022; Lara-Bocanegra, Bohórquez, et al., 2022). Além disso, há poucos trabalhos focados no empreendedorismo desportivo universitário, o que limita a compreensão de como as competências e valores adquiridos através da prática desportiva se refletem na predisposição para empreender por parte dos estudantes (González-Serrano, Calabuig Moreno, et al., 2019). Gonzalez-Serrano et al. (2018) e Lin et al. (2025) destacam também a necessidade de haver estudos que incluam mais variáveis moderadoras da IE no desporto, como os traços de personalidade. Assim, o presente estudo qualitativo pretende colmatar estas lacunas, proporcionando uma análise empírica qualitativa mais detalhada das motivações, barreiras e fatores que influenciam a IE, usando como grupo de estudo estudantes universitários portugueses de diferentes áreas de formação, recorrendo exclusivamente a universidades portuguesas.

3.1. Enquadramento teórico

Será que a experiência vivida no desporto universitário influencia a intenção dos estudantes em criar os seus próprios negócios no setor desportivo? Que outros fatores poderão influenciar essa intenção? Estas são as questões que estão na base do presente estudo e que refletem uma lacuna importante na literatura, que tem privilegiado abordagens quantitativas e tem prestado pouca atenção ao contexto específico dos estudantes universitários praticantes de modalidades desportivas (Lara-Bocanegra, Bohórquez, et al., 2022). Compreender esta relação é fundamental, não só pelo crescimento económico do setor desportivo, mas também pela relevância que o empreendedorismo representa como via de desenvolvimento humano (Ratten, 2011).

O empreendedorismo tem vindo a afirmar-se, nas últimas décadas, como um dos motores do desenvolvimento económico e social, sendo amplamente reconhecido como uma força promotora da criação de emprego e do dinamismo económico (do Paço et al., 2013; Hammerschmidt et al., 2024). Para além do seu impacto económico, o empreendedorismo constitui também uma via importante para o desenvolvimento pessoal e profissional dos indivíduos, potenciando competências como autonomia, criatividade, resiliência e capacidade de resolução de problemas (do Paço et al., 2013). Nesse sentido, a Teoria do Comportamento Planeado (TCP) tem sido amplamente utilizada para explicar a formação da IE, destacando o papel de variáveis como a atitude empreendedora, a norma subjetiva e o controlo comportamental percebido, fatores que moldam a predisposição para criar novos negócios (Ajzen, 1991).

Paralelamente, o desporto assume atualmente uma relevância cada vez maior, não apenas enquanto fenómeno cultural e social, mas também como um campo económico significativo que contribui para o desenvolvimento de competências pessoais (Hammerschmidt et al., 2024; Vidal-Vilaplana et al., 2023). A prática desportiva, sobretudo em contextos organizados, tem sido associada ao desenvolvimento de atributos como disciplina, liderança, resiliência, capacidade de trabalhar sob pressão e espírito de equipa, competências estas que apresentam uma forte transferência para o contexto profissional e, em particular, para o domínio empreendedor (Hammerschmidt et al., 2024; Ratten, 2011).

Neste contexto, surge o conceito de empreendedorismo desportivo, entendido como o conjunto de atividades relacionadas com a criação, inovação e gestão de negócios no setor do desporto (Ratten, 2011). O empreendedorismo desportivo distingue-se dos demais por integrar competências específicas do domínio desportivo com capacidades empreendedoras clássicas, resultando frequentemente em iniciativas inovadoras, desde academias desportivas e startups tecnológicas até eventos desportivos ou plataformas digitais ligadas ao fitness e bem-estar (González-Serrano, Calabuig Moreno, et al., 2021). A literatura destaca que indivíduos com experiência desportiva possuem características alinhadas com o perfil empreendedor, como maior tolerância ao risco, capacidade de adaptação e elevada autoeficácia (Steinbrink et al., 2020).

Neste âmbito, o desporto universitário adquire uma importância particular, por constituir não apenas uma prática desportiva, mas também um espaço formativo e social determinante na vida dos estudantes (Henry, 2013). O desporto universitário oferece aos estudantes oportunidades únicas de desenvolvimento de competências pessoais, sociais e profissionais, contribuindo para o fortalecimento de atributos altamente valorizados em várias vertentes (Brunton & St Quinton, 2021). Para além disso, os estudantes universitários encontram-se numa fase crucial de construção da sua identidade pessoal e profissional, o que os torna particularmente recetivos à exploração de novas oportunidades de carreira, incluindo o empreendedorismo (do Paço et al., 2013; Ratten, 2011).

Importa, contudo, sublinhar que a maioria dos estudos existentes sobre desporto universitário e empreendedorismo têm como referência o contexto norte-americano, onde o desporto académico assume uma dimensão institucional, mediática e económica muito superior àquela que se verifica no espaço europeu, particularmente em Portugal. Nos EUA, o desporto universitário é visto como um espaço de alto rendimento, com infraestruturas de elite, financiamento robusto e integração com sistemas profissionais (Bredikhina, 2025). Em contraste, o modelo português apresenta-se como mais limitado em termos de recursos, visibilidade e articulação com o mercado, sendo muitas vezes sustentado por iniciativas estudantis ou estruturas associativas. Esta distinção é crucial para interpretar os dados do presente estudo, já que os desafios, oportunidades e dinâmicas que moldam a IE no desporto universitário português são, em larga medida, distintos dos identificados na literatura internacional.

Assim, o presente estudo assume relevância ao procurar aprofundar, através de uma abordagem qualitativa, a forma como estudantes universitários praticantes de desporto percebem o empreendedorismo e quais os fatores intrínsecos, contextuais e específicos do contexto desportivo moldam a sua IE. Este estudo visa, deste modo, contribuir para preencher uma lacuna identificada na literatura, melhorando a percepção daquilo que é a relação entre prática desportiva universitária e predisposição empreendedora no setor desportivo.

3.2. Metodologia

O presente estudo qualitativo foi delineado com o objetivo de aprofundar a compreensão do fenómeno da IE entre estudantes universitários envolvidos na prática desportiva. A escolha desta abordagem metodológica assenta na necessidade de compreender a complexidade das motivações, percepções e fatores contextuais que moldam as intenções empreendedoras dos estudantes universitários, aspetos dificilmente compreensíveis através de métodos exclusivamente quantitativos (Yin, 2017).

Tal como defende Yin (2017), a investigação qualitativa é particularmente adequada para responder a questões do tipo “como” e “porquê”, sobretudo quando se pretende estudar fenómenos contemporâneos no seu contexto real. Neste sentido, o presente estudo segue uma estratégia exploratória e descritiva, recorrendo a entrevistas semiestruturadas como principal técnica de recolha de dados, permitindo ao investigador adaptar as questões ao longo da entrevista, explorar temas emergentes e captar em profundidade a perspetiva dos participantes.

3.2.1. Grupo de estudo e critérios de seleção

O grupo de estudo é constituído por 15 estudantes universitários portugueses que praticam desporto universitário de forma regular em universidades portuguesas. Para garantir a relevância do contributo dos participantes para os objetivos do estudo, os critérios de inclusão foram os seguintes: estar matriculado numa instituição de ensino superior em Portugal; praticar regularmente uma modalidade desportiva no contexto universitário; estar disponível para participar numa entrevista de aproximadamente 15-30 minutos.

A tabela 7 apresenta, de forma resumida, as principais características desse mesmo grupo.

Tabela 7- Características do grupo de estudo

Entrevistados	Idade	Sexo	Curso	Ano	Ciclo de estudo	Modalidade	Atleta federado	Universidade
E 1	24	M	Desporto	3º	1º	Futsal	Sim	Universidade de Coimbra

Entrevistados	Idade	Sexo	Curso	Ano	Ciclo de estudo	Modalidade	Atleta federado	Universidade
E 2	23	M	<i>Data Science</i>	2º	2º	Futebol	Não	Nova IMS (Lisboa)
E 3	19	F	Engenharia e Gestão industrial	2º	1º	Basquetebol	Não	Universidade de Aveiro
E 4	22	M	Finanças e Contabilidade	2º	2º	Futebol	Não	Universidade da Beira Interior (UBI)
E 5	22	M	Gestão	3º	1º	Basquetebol	Não	Universidade Católica de Lisboa
E 6	19	M	Gestão do desporto	1º	1º	Futebol	Sim	Universidade da Maia (UMAIA)
E 7	23	M	Finanças e Contabilidade	2º	2º	Futebol	Não	Universidade da Beira Interior (UBI)
E 8	22	M	Direito	4º	1º	Basquetebol	Não	Universidade Católica de Lisboa
E 9	22	M	Gestão	3º	1º	Futsal	Sim	Universidade da Beira Interior (UBI)
E 10	23	M	Marketing	3º	1º	Futsal	Sim	Universidade da Beira Interior (UBI)
E 11	25	M	Desporto	1º	2º	Futsal	Sim	Universidade da Beira Interior (UBI)
E 12	23	M	Medicina	4º	1º	Futsal	Não	Universidade do Minho
E 13	22	M	Desporto	3º	1º	Futsal	Sim	Universidade da Beira Interior (UBI)
E 14	25	M	Desporto	2º	2º	Futsal	Sim	Universidade de Coimbra
E 15	23	M	Ciências da Comunicação	3º	1º	Futebol	Não	Universidade da Beira Interior (UBI)

3.2.2. Instrumento de recolha de dados

Para uma integral compreensão dos fenómenos objeto de estudo, foi adotado o modelo de entrevistas semiestruturadas. Este método de recolha dados é determinante para uma clara e abrangente investigação de múltiplos estudos estudo de caso (Yin, 2017), uma vez que permite um contacto pessoal com os entrevistados. A abordagem de entrevistas semiestruturadas, em que surgem questões abertas e fechadas (kallio et al., 2016), é compatível com a informação que

pretendemos obter. Em bom rigor, é fulcral a determinação das perguntas abertas com a liberdade de informação que estas permitem entre o entrevistado e o entrevistador (Pache & Santos, 2013).

As entrevistas (ver anexo I) foram subdivididas em 4 secções. Na primeira secção, houve uma contextualização do entrevistado, tendo sido feita uma recolha de dados de forma a caracterizar o perfil dos entrevistados e permitir análises comparativas. Na segunda secção, foram explorados fatores intrínsecos (fatores pessoais, motivações internas e perceções individuais relacionados com a intenção empreendedora). Na terceira secção, foram introduzidas perguntas relativas aos elementos contextuais que pudessem influenciar a predisposição de empreender. Na quarta e última secção, foram feitas questões sociodemográficas de forma a perceber de que modo o sexo, educação e a prática desportiva, nomeadamente o desporto universitário, podem influenciar a IE.

Estas entrevistas tiveram um tempo aproximado de 15 a 25 minutos, sendo gravadas com permissão explícita, através da aplicação Gravador de Voz, tendo sido posteriormente transcritas e subsequentemente sujeitas a análise rigorosa. Das 15 entrevistas, 2 foram gravadas presencialmente, enquanto que as restantes foram gravadas online.

Todo o processo de investigação respeitou os princípios éticos definidos para estudos com seres humanos. Foi obtido consentimento informado dos participantes, assegurando-se o anonimato, confidencialidade e o direito de desistir do estudo a qualquer momento.

3.2.3. Análise de dados

Esta investigação seguiu as determinações de análise de dados qualitativos (Yin, 2017), que envolviam a codificação das entrevistas e a classificação dos códigos em temas e padrões. Foi realizada uma análise cruzada de casos para descobrir as semelhanças e diferenças entre os participantes, tal como executado por Ghosh et al. (2021).

Nesta ótica, foi ilustrado graficamente o desenvolvimento da investigação desde conceitos de primeira ordem até temas de segunda ordem, descrevendo as inter-relações entre códigos de primeira ordem, categoriais teóricas de segunda ordem e dimensões agregadas do modelo (Gioia et al., 2013).

3.3. Resultados

Nesta secção são apresentados os resultados obtidos através da análise qualitativa das entrevistas, com base nas três dimensões identificadas como essenciais para entender o perfil empreendedor dos participantes. A Dimensão 1, intitulada “Perfil empreendedor”, explora os fatores que impulsionam a IE, incluindo o desejo de criar algo próprio, a confiança nas próprias capacidades e a intenção de gerar impacto no setor desportivo. A Dimensão 2, denominada “Barreiras

Percebidas”, foca-se nas dificuldades percebidas pelos participantes, abrangendo tanto as condições institucionais como as percepções sociais e pessoais que limitam o avanço do empreendedorismo. Finalmente, a Dimensão 3, denominada "Formação”, analisa como as experiências práticas e as vivências desportivas contribuem para o desenvolvimento de competências transversais e para a mentalidade empreendedora dos participantes, tal como é mostrado na tabela 8.

Tabela 8- Estrutura de dados: visão geral

CÓDIGOS DE 1ª ORDEM	CATEGORIAS TEÓRICAS DE 2ª ORDEM	DIMENSÕES AGREGADAS
Desejar criar um projeto com propósito (independência)	Motivações	Perfil empreendedor
Confiar nas próprias capacidades de empreender		
Demonstrar intenção de gerar impacto no setor desportivo		
Acreditar na própria criatividade para resolver problemas	Traços pessoais	
Sentir-se confortável com o risco calculado		
Demonstrar flexibilidade e capacidade de adaptação		
Reconhecimento da desigualdade de género nas oportunidades empreendedoras	Género	Barreiras percebidas
Perceção de que as mulheres têm que provar mais do que os homens		
Perceber que há potencial para reverter a desigualdade no acesso a oportunidades empreendedoras		
Identificar excesso de burocracia e dificuldade em obter apoios financeiros	Condições institucionais	
Perceber que o ensino mais teórico e pouco prático dificulta a intenção empreendedora		
Reconhecer a falta de cultura empreendedora em Portugal		
Valorizar workshops e desafios práticos para aumentar a intenção de empreender	Experiência prática	Formação
Referir a influência positiva de modelos empreendedores próximos		
Perceber o papel do desporto no desenvolvimento de competências transversais	Experiência desportiva	
Atletas que são federados valorizam mais o ambiente desportivo		

3.3.1. Perfil empreendedor

No que diz respeito à dimensão agregada designada “Perfil empreendedor”, a tabela 9 mostra os principais resultados de cada questão (códigos de 1ª ordem), e a respetiva correspondência à sua dimensão (Temas de 2ª ordem).

Tabela 9- estrutura de dados do perfil empreendedor

CÓDIGOS DE 1ª ORDEM	CATEGORIAS TEÓRICAS DE 2ª ORDEM	DIMENSÃO AGREGADA
Desejar criar um projeto com propósito (independência)	Motivações	Perfil empreendedor
Confiar nas próprias capacidades aumenta a intenção de empreender		
Demonstrar intenção de gerar impacto no setor desportivo		
Acreditar na própria criatividade para resolver problemas	Traços pessoais	
Sentir-se confortável com o risco calculado aumenta a intenção empreendedora		
Demonstrar flexibilidade e capacidade de adaptação		

Motivações

As motivações que impulsionam os estudantes universitários a considerar o empreendedorismo na área do desporto revelaram-se múltiplas e fortemente ancoradas em valores como o desejo de autonomia, propósito pessoal e transformação social. Uma das ideias mais presentes nos discursos dos entrevistados foi o desejo de construir um projeto próprio, livre das limitações associadas ao trabalho subordinado, estando presente a vontade de serem mais autónomos.

“Para além disso, há um desejo claro de independência. Quero ter liberdade para construir uma metodologia própria, aplicar aquilo em que acredito e ser responsável pelo meu caminho profissional. Sei que não será fácil, mas essa possibilidade de criar algo meu, com propósito, é um grande motor de motivação” (E10).

A criação de um projeto pessoal é encarada como uma oportunidade para aplicar conhecimentos e valores individuais, sendo que a autonomia é percebida como condição de realização pessoal e profissional (E6, E7, E10).

Um elemento central nesta categoria é a confiança nas próprias capacidades individuais, entendida como motivadora da decisão de empreender. A maioria dos entrevistados relacionou a sua motivação com a perceção de que possuem competências suficientes para iniciar um projeto próprio, mesmo reconhecendo que não dominam todas as áreas. Esta autoconfiança, próxima do conceito de autoeficácia, surge como um combustível interno que reforça a predisposição para agir.

“Sim, sinto-me confiante. Não digo que saiba tudo ou que esteja completamente preparado para lançar algo amanhã, mas acredito nas minhas capacidades, tanto a nível pessoal como académico” (E6).

O reconhecimento das próprias forças surge assim como motor da IE (E6, E11, E13, E14).

Para alguns entrevistados, a motivação está também relacionada com a intenção de transformar o setor, introduzindo abordagens mais holísticas do ser humano no contexto desportivo. A vontade de gerar impacto no desporto é evidente.

“Não quero fazer um negócio só porque sim, gostava de contribuir com algo útil, prático e que tornasse o desporto mais acessível, mais organizado e mais valorizado. Se tiver oportunidade e conseguir reunir as condições certas, não tenho dúvidas de que avançaria com um projeto na área” (E14).

Isto demonstra uma preocupação com a dimensão ética, pedagógica e emocional da atividade. Aqui, o empreendedorismo surge como um meio de preencher lacunas sentidas no sistema atual, funcionando como resposta a necessidades não atendidas **(E1, E3, E14)**.

As motivações para empreender surgem como um fenómeno complexo, que articula necessidades pessoais (autonomia, autorrealização), confiança nas próprias capacidades e intenção de impacto social e no setor. Esta diversidade de motivações revela uma abordagem ao empreendedorismo que vai muito para além da criação de negócio, posicionando-o como expressão de identidade, visão e transformação.

Traços pessoais

Os participantes descreveram traços de personalidade que reconhecem em si próprios e que, na sua perspetiva, contribuem para o desenvolvimento de um perfil empreendedor. A criatividade, aplicada sobretudo à resolução de problemas e à construção de soluções práticas, foi um dos traços mais presentes nos entrevistados. Esta criatividade está ligada à procura de abordagens alternativas e eficazes para responder a desafios concretos.

“Sim, considero-me bastante criativo, especialmente quando estou a resolver problemas práticos. Gosto de pensar fora de caixa porque são essas ideias que vão vingar no mercado” (E9)

É demonstrada uma orientação para o pensamento flexível, característica frequentemente associada à inovação e à iniciativa empreendedora **(E2, E3, E9, E10)**.

Outro traço identificado foi a disposição para assumir riscos, ainda que de forma ponderada. A maioria dos entrevistados relataram sentir-se confortáveis com o risco quando este é calculado e assente em algum grau de planeamento. Esta abertura ao risco controlado surge como um facilitador da ação empreendedora.

“(…) acho que lido bem com essas situações. Gosto de arriscar, mas com os pés assentes na terra, não sou daqueles que se atira sem pensar, mas também não fico parado por medo de falhar” (E13).

Esta ideia, traduzindo uma atitude equilibrada entre prudência e iniciativa, sustenta decisões informadas em ambientes instáveis **(E4, E5, E13)**.

Por fim, a flexibilidade e capacidade de adaptação foram destacadas como características fundamentais na forma como os participantes lidam com mudanças, obstáculos e situações inesperadas. A experiência desportiva, mas também a vivência académica e pessoal, foram apontadas como contextos onde aprenderam a ajustar-se rapidamente às circunstâncias.

“Hoje em dia, se uma coisa não está a funcionar, não fico a insistir por teimosia. Paro, penso, ajusto e volto a tentar. Não encaro isso como falhanço, mas sim como parte do processo de aprendizagem. Foi isto que o desporto me ensinou.” (E13).

Esta postura revela o desejo de ter uma aprendizagem contínua e para a reformulação estratégica, competências indispensáveis na construção de um percurso empreendedor (E9, E13, E14).

Em síntese, os traços de personalidade descritos pelos participantes apontam para um perfil caracterizado pela criatividade prática, abertura ao risco e capacidade de adaptação, três elementos frequentemente associados à iniciativa empreendedora e que, segundo os próprios, sustentam a sua predisposição para criar e liderar projetos próprios.

3.3.2. Barreiras percebidas

A dimensão agregada definida por “Barreiras percebidas”, conforme estipulado na tabela 10, proporciona uma visão global dos principais resultados de cada questão, evidenciada nos códigos de 1ª ordem, e a sua respetiva correspondência às suas categorias teóricas (categorias teóricas de 2ª ordem).

Tabela 10- estrutura de dados das barreiras percebidas

CÓDIGOS DE 1ª ORDEM	CATEGORIAS TEÓRICAS DE 2ª ORDEM	DIMENSÃO AGREGADA
Reconhecimento da desigualdade de sexo nas oportunidades empreendedoras	Sexo	Barreiras percebidas
Perceção de que as mulheres têm que provar mais do que os homens		
Perceber que há potencial para reverter a desigualdade no acesso a oportunidades empreendedoras		
Identificar excesso de burocracia e dificuldade em obter apoios financeiros	Condições institucionais	
Perceber que o ensino mais teórico e pouco prático dificulta a intenção empreendedora		
Reconhecer a falta de cultura empreendedora em Portugal		

Sexo

A influência do sexo na construção do perfil empreendedor emergiu de forma expressiva a partir do discurso da única participante do sexo feminino, mas também por alguns entrevistados do sexo masculino, que defendem a ideia de existir desigualdade de sexo no setor desportivo.

O reconhecimento da desigualdade de sexo quanto ao acesso a oportunidades empreendedoras surge como um tema recorrente, com os entrevistados a notarem que, embora as mulheres tenham, em teoria, as mesmas oportunidades para criar projetos no setor desportivo, na prática, ainda enfrentam barreiras estruturais e sociais significativas. O ambiente desportivo ainda é dominado por uma mentalidade tradicionalmente masculina. A credibilidade das mulheres, a acessibilidade a recursos e o reconhecimento das suas capacidades continuam a ser desafiados por estereótipos de sexo, os quais podem gerar uma desconfiança social e diminuir a motivação para iniciar novos projetos **(E1, E3, E4, E8, E10)**.

“Há aquela mentalidade machista, especialmente no desporto, de que isto é para homens”
(E1).

“É chato ter sempre de estar a tentar provar que somos tão capazes como qualquer homem”
(E3).

Foi descrito também que o ambiente profissional continua marcado por uma lógica onde as mulheres têm de se esforçar mais para conquistar reconhecimento e espaço.

“sei que se um dia eu quiser empreender no desporto, vou ter muito mais dificuldades em ter sucesso do que se for um rapaz” **(E3)**.

Esta perceção está associada a uma dificuldade estrutural, nem sempre explícita, mas percecionada como um obstáculo constante, retraindo mais as mulheres quanto à sua intenção de empreender **(E1, E2, E3, E9, E10, E11)**.

Apesar de tudo, foram identificados também discursos que evidenciam uma perceção de potencial de mudança no que diz respeito à igualdade de sexo no setor desportivo. Alguns participantes reconheceram que, embora persistam desigualdades estruturais, têm vindo a surgir sinais positivos de transformação, nomeadamente através da crescente visibilidade de mulheres em funções de destaque, como dirigentes, comentadoras desportivas ou empreendedoras **(E4, E6, E12, E13, E15)**.

“Por exemplo, há cada vez mais comentadoras desportivas, estou agora a lembrar-me. É uma área dentro do desporto onde a igualdade é cada vez mais visível. Só que não podemos fingir que já está tudo igual, porque ainda há mentalidades a mudar.” **(E4)**.

“(...) acho que as coisas estão a melhorar, sim, mas ainda não estamos no ponto ideal.” **(E13)**

Embora a amostra seja limitada em termos de representação feminina, a análise revela que o sexo é um fator relevante na perceção sobre o empreendedorismo. Para alguns homens, o tema foi abordado com espírito crítico, destacando a necessidade de mais exemplos femininos e de uma cultura mais inclusiva. O sexo aparece assim como uma variável que pode condicionar a

predisposição para empreender, mas também como uma dimensão em que os próprios participantes reconhecem potencial de mudança.

Condições institucionais

A presença de obstáculos de ordem institucional e cultural foi um dos elementos mais mencionados nos discursos dos entrevistados, surgindo como um dos fatores que mais condiciona a IE no setor desportivo.

A dificuldade de acesso a apoios financeiros e o excesso de burocracia foram referidos como barreiras estruturais que desencorajam a criação de projetos próprios, sendo consensual entre todos os entrevistados. Foi reconhecido que o contexto nacional não favorece a iniciativa jovem, sendo difícil obter apoios reais sem experiência prévia ou contactos no setor.

“Há uma montanha de leis para tudo. Desde licenças, segurança social, contratos, é tudo um monte de coisas para tratar que atrasam o início do negócio.” (E5).

“Temos muitas barreiras burocráticas, o sistema fiscal é complexo, e faltam facilidades para quem quer começar algo novo.” (E8)

“E depois, se quiseres algum apoio financeiro, parece que tens de conhecer as pessoas certas, é preciso ter cunhas no nosso país.” (E2)

Este tipo de comentários traduz um sentimento de frustração face a um sistema percebido como opaco, demorado e pouco acessível.

Outro aspeto amplamente referido foi a natureza do ensino superior, frequentemente criticado por privilegiar uma educação mais teórica em detrimento da prática e da experimentação. Embora existam algumas unidades curriculares ligadas ao empreendedorismo, estas tendem a ser pouco aplicadas e distantes da realidade de quem pretende iniciar um projeto **(E3, E8, E9)**.

“As cadeiras são muito teóricas, e não existe um percurso claro nem ajuda para quem quer seguir um caminho mais empresarial, é a minha opinião atencão” (E9).

“O nosso ensino está muito virado para as típicas aulas em que o professor fala e fala e nós alunos estamos ali sentados a ouvir, sem intervir, acaba a aula e vamos para casa” (E8).

“Depois os impostos que se pagam em Portugal são absurdos, sinceramente não compensa ter uma empresa em Portugal, muito sinceramente.” (E15).

A sensação de desconexão entre o ensino e o mundo real reduz a confiança para avançar com ideias próprias, apesar de existir um reconhecimento daquilo que é a importância da educação em si **(E5, E6)**.

A perceção de que existe uma cultura pouco favorável ao empreendedorismo em Portugal foi praticamente transversal entre os entrevistados e surgiu associada a um conjunto de normas sociais e institucionais que não valorizam, nem incentivam, a iniciativa empreendedora, sobretudo no setor do desporto **(E1, E2, E3, E9, E10, E15)**.

“Apesar de já se verem bons exemplos, o desporto em Portugal continua muito concentrado em poucas modalidades e o futebol, sendo o mais visível, absorve grande parte da atenção e

dos recursos. Para quem quer fazer algo fora desse núcleo, é muito mais difícil conseguir apoios, patrocínios ou até reconhecimento.” (E15).

“Em Portugal fala-se muito em incentivar o desporto, mas quando queres abrir algo teu, percebes que és tu contra o mundo” (E1).

Esta ausência de estímulo afeta a percepção de viabilidade do empreendedorismo, tornando-o socialmente arriscado. O sistema de ensino superior ainda reforça uma visão conservadora do que significa ter sucesso profissional na área do desporto. Assim, a cultura pouco favorável ao empreendedorismo manifesta-se não apenas através da falta de apoio formal, mas também pela escassa valorização da inovação e da autonomia.

As condições institucionais e culturais descritas pelos entrevistados revelam um ambiente que, em vez de fomentar a iniciativa, tende a dificultá-la, sendo que o excesso de burocracia e a falta de formação prática surgem como os fatores mais penalizadores da IE, havendo, por outro lado, um reconhecimento da importância da educação em si neste processo de formar a intenção.

3.3.3. Formação

A dimensão agregada definida por “Formação” proporciona uma visão global dos principais resultados de cada questão, evidenciada nos códigos de 1ª ordem, e a sua respetiva correspondência às suas categorias teóricas (categorias teóricas de 2ª ordem), conforme estipulado na tabela 11.

Tabela 11- estrutura de dados da formação

CÓDIGOS DE 1ª ORDEM	CATEGORIAS TEÓRICAS DE 2ª ORDEM	DIMENSÃO AGREGADA
Valorizar workshops e desafios práticos para aumentar a intenção de empreender	Experiências práticas	Formação
Referir a influência positiva de modelos empreendedores próximos		
Perceber o papel do desporto no desenvolvimento de competências transversais	Experiência desportiva	
Atletas que são federados valorizam mais o ambiente desportivo		

Experiências práticas

A análise das entrevistas revelou que a exposição a experiências práticas e a modelos empreendedores reais desempenha um papel importante na forma como os estudantes percebem a possibilidade de criar um projeto próprio no futuro. Os entrevistados valorizaram, de forma unânime, os workshops, formações extracurriculares e desafios práticos promovidos no contexto

universitário, apontando-os como momentos em que a ideia de ser empreendedor se tornou mais concreta e viável.

“Sim, participei em vários workshops. Não eram especificamente de desporto, mas deu para aprender sobre modelos de negócio, candidaturas a financiamento e estratégias de comunicação. Foi muito útil e fez-me perceber que às vezes temos boas ideias, mas falta-nos saber como estruturá-las.” (E11).

“Também ouvimos testemunhos de empreendedores reais, que contaram os erros que cometeram no início. Isso deu-me uma perspetiva muito mais concreta do que é de facto ter um negócio.” (E7).

“Sim, já participei em vários por acaso. Acho muito interessante, são atividades fora do habitual para nós estudantes, e como é algo novo, estamos sempre mais atentos do que em aulas teóricas.” (E15).

É importante realçar ainda a importância de ter contacto direto com realidades concretas do mercado, considerando que a aproximação entre o ensino superior e o contexto profissional é essencial para estimular a IE. A ausência de experiências práticas foi identificada como uma limitação no percurso académico, sendo sugerida uma maior integração entre formação e campo de ação. Isto é demonstrativo de que, para muitos estudantes, o estímulo à IE passa por mais do que conteúdos teóricos, exigindo experiências reais que testem capacidades na prática e que aumentem a confiança nas suas capacidades (E1, E2, E9, E10, E15).

Para além das experiências práticas, a presença de modelos próximos com trajetórias empreendedoras, quer sejam amigos ou familiares, revelou ser um fator de inspiração para a grande maioria dos entrevistados. De forma praticamente transversal, os entrevistados mencionaram que o contacto com pessoas que já concretizaram projetos lhes despertou a intenção de fazer o mesmo (E1, E2, E4, E5, E8, E9, E10, E11, E13, E14, E15).

“A verdade é que cresci a ver o que significa ser empreendedora, e é preciso persistência. Isso deu-me uma perspetiva muito concreta sobre o que é criar algo do zero. E mesmo que as áreas sejam diferentes, a postura, a resiliência e a capacidade de se reinventar são as mesmas.” (E10).

“Ver como ele geriu o negócio dele, com todas as dificuldades e adaptações, ajudou-me a perceber que o importante não é ter tudo perfeito, mas sim começar e ir aprendendo no processo. E tenho que realçar que ele vem de uma família simples, ou seja, procurou informação e arriscou. Se há alguém que me inspira de facto, é ele.” (E11).

“Tenho, sim. O meu pai tem uma pequena empresa. Sempre me disse que trabalhar por conta própria dá trabalho, mas também liberdade. Cresci a ver os altos e baixos dele e às vezes penso que não quero passar por esse stress. Mas outras vezes penso, se ele conseguiu, porque não hei de conseguir eu. É sem dúvida a minha maior inspiração.” (E1)

Experiência desportiva

A prática desportiva foi amplamente reconhecida pelos participantes como um contexto fértil para o desenvolvimento de competências transversais que são consideradas relevantes no universo do empreendedorismo. Uma das competências mais referidas foi a resiliência, definida como a capacidade de lidar com falhas, manter o compromisso e recuperar após situações de adversidade. Para vários entrevistados, o desporto foi o espaço onde aprenderam a levantar a cabeça depois de um insucesso, persistir perante a adversidade e encarar os desafios como oportunidades de crescimento **(E6, E9, E10, E13, E14)**.

“Outra característica que desenvolvi foi ser mais resiliente, não desistir. É duro algumas semanas ter de chegar a casa e ter trabalhos ou coisas para estudar, é preciso ser forte. Temos muitas vezes de conciliar treinos com frequências, trabalhos, lidar com derrotas, conflitos de equipa... isso desenvolve muito a nossa capacidade de resistir à frustração.”
(E9).

“Uma das coisas que mais aprendi foi a importância da consistência, perceber que os resultados não aparecem de um dia para o outro, mas que o progresso acontece com dedicação diária, mesmo nos dias em que não apetece ou em que não estamos no nosso melhor.” **(E10)**.

Para além da resiliência, todos os entrevistados concordaram com o papel positivo do desporto naquilo que é o desenvolvimento da autonomia, sublinhando que desporto universitário foi um fator crucial na melhoria da gestão do tempo pessoal.

“Foi o desporto que me obrigou a saber cozinhar, a saber lavar roupa, essas coisas todas ganhei-as com o desporto. Até nisso o desporto foi importante na minha vida, fui obrigado a evoluir enquanto ser humano.” **(E6)**.

“O desporto ensinou-me a confiar no meu processo. Treinar regularmente, seguir um plano, melhorar aos poucos, aceitar críticas e trabalhar nelas... tudo isso ajuda. Não é aquela confiança de quem acha que sabe tudo, é uma confiança construída na prática, no esforço.”
(E15).

Esta autonomia, construída de forma prática, traduz-se numa perceção acrescida de autoeficácia e de controlo sobre os próprios objetivos, aspetos diretamente associados à IE. O desporto universitário não exige apenas autonomia, como também a promove, funcionando como um laboratório real para o desenvolvimento de competências que são transferíveis e muito valiosas em qualquer iniciativa empreendedora.

Por outro lado, a prática desportiva universitária foi também valorizada como um espaço que proporciona um aumento de responsabilidade por parte dos estudantes. Os entrevistados relataram que o compromisso com treinos e equipas, a obrigatoriedade de cumprir horários e a gestão da vertente académica e desportiva os forçou a estruturar melhor o seu tempo e prioridades. Este aumento de responsabilidade reflete-se numa atitude mais positiva em relação à intenção de empreender.

(E3, E4, E6, E11).

“E também aprendi a organizar melhor o meu tempo. Com treinos, jogos e trabalhos da faculdade, tens de planear tudo ao pormenor.” (E3).

“Sim. Quando temos um compromisso desportivo, aprendemos a gerir o tempo de forma rigorosa, a tomar decisões rapidamente e a confiar nas nossas capacidades mesmo quando falhamos.” (E11).

Outra competência transversal destacada pelos entrevistados foi a capacidade de integração em grupos e o trabalho em equipa. Esta competência, desenvolvida no contexto do desporto universitário, revela-se fundamental não apenas na dimensão desportiva, mas em múltiplas esferas da vida pessoal, académica e profissional. A experiência de pertencer a uma equipa proporciona aprendizagens relacionadas com cooperação, comunicação, respeito por hierarquias funcionais e gestão de conflitos, aspetos essenciais para o funcionamento de qualquer estrutura organizacional ou iniciativa empreendedora. **(E1, E2, E5, E9, E10).**

“No desporto aprendes a trabalhar em equipa, a respeitar hierarquias, a saber liderar quando é preciso. Também lidas com pressão, stress, momentos em que tens de tomar decisões rápidas.” (E1).

Para o **E13**, o desporto funciona como um espaço onde se aprende a falhar, a lidar com expectativas e a recuperar emocionalmente.

“Por exemplo, a capacidade de gerir frustração, perder um jogo importante depois de semanas a preparar-se é duro, mas ensina-nos a voltar a levantar a cabeça.” (E13).

Esta tolerância ao erro e capacidade de adaptação emocional é frequentemente descrita na literatura como uma mais-valia para quem quer empreender, pois permite enfrentar a incerteza com maior estabilidade e confiança.

Por outro lado, a importância do ambiente competitivo e dinâmico do desporto universitário foi encarada de maneira diferente por parte dos entrevistados. Embora a maioria reconheça que o desporto desenvolve competências úteis, apenas alguns referiram explicitamente que o ambiente competitivo é determinante para tal. Entre os estudantes, destacam-se sobretudo os que também são atletas federados, que atribuíram particular importância às dinâmicas mais exigentes, associando-as à formação de uma postura empreendedora. Estes participantes referiram que a competição reforça o foco em objetivos, uma das dimensões apontadas como fundamentais na organização de um projeto **(E1, E9, E10, E11, E13, E14).**

“No futsal estás sempre a tentar inovar, a estudar adversários, a encontrar formas de surpreender. No negócio é parecido. Tens de estar atento à concorrência, às novas tendências e modas.” (E1).

“Sim, influencia na medida em que cria um mindset orientado para a melhoria contínua. No desporto, estamos sempre a tentar fazer mais e melhor. Isso gera uma mentalidade que te ajuda a arriscar por aquilo que queres.” (E10).

“Estar num ambiente competitivo obriga-nos a estar sempre atentos, a procurar formas de melhorar (...)” (E14).

Os dados revelam que os entrevistados vêm a experiência desportiva como um contexto privilegiado onde adquirem competências comportamentais e emocionais que são transferíveis para o universo empreendedor. Esta transferência é feita de forma intuitiva, a partir da vivência prática, tendo um impacto significativo.

Capítulo 4: Discussão Geral

A partir da revisão sistemática da literatura (estudo 1) foi possível perceber mais sobre os fatores que influenciam a intenção empreendedora (IE) no setor desportivo, destacando aspetos como a atitude positiva e controlo comportamental percebido, todos fatores da Teoria do Comportamento Planeado (TCP) (Ajzen, 1991). Entendeu-se que fatores como a atitude empreendedora, autoeficácia e o contexto formativo são cruciais para a intenção de empreender no setor desportivo. Para além disso, a educação empreendedora prática e a experiência desportiva desempenham um papel significativo no desenvolvimento de um perfil empreendedor,

O Estudo 2, por sua vez, aprofundou as perceções dos participantes sobre as motivações, desafios e contextos de formação, utilizando uma abordagem qualitativa para entender como fatores como sexo, experiência desportiva e formação prática impactam a IE. A análise revelou que, embora existam barreiras institucionais e culturais, como a falta de apoio financeiro e o ensino mais teórico nas universidades, também há um forte desejo de autonomia, impacto social e criação de algo próprio. Assim, os resultados do Estudo 2 complementam as descobertas do Estudo 1, oferecendo, por parte de estudantes universitários que praticam desporto universitário, uma visão mais rica e aprofundada das dinâmicas sociais e psicológicas que influenciam a IE no setor desportivo, permitindo um entendimento holístico do tema.

4.1. Discussão de resultados

Os resultados do Estudo 2, de natureza qualitativa, convergem amplamente com os principais resultados da literatura (Estudo 1), reforçando a validade dos fatores associados à IE no contexto desportivo. De forma geral, observa-se uma forte articulação entre as dimensões emergentes da análise qualitativa (perfil empreendedor, barreiras percebidas e formação), e os grupos temáticos sistematizados na literatura, nomeadamente os fatores intrínsecos, contextuais e sociodemográficos.

No que diz respeito ao grupo temático 1 (fatores intrínsecos), a literatura tem sublinhado o papel da autoeficácia, da criatividade e da tolerância ao risco como determinantes da IE (Ajzen, 1991b; Bajčinca-Brestovci et al., 2023). Com efeito, a análise dos testemunhos dos participantes evidencia que aqueles que demonstram maior confiança nas suas próprias capacidades, sobretudo no domínio da tolerância à incerteza e abertura ao risco, tomada de decisão e da capacidade de superar obstáculos, características essas que se podem justificar, em parte, pelo facto de todos praticarem desporto universitário, têm maior IE. O desporto universitário promove contextos exigentes que testam a resiliência, o pensamento estratégico e a superação de desafios sob pressão, o que, segundo os próprios estudantes, se traduz numa maior predisposição para empreender. Assim, a convergência com a literatura pode dever-se ao impacto formativo específico do desporto universitário na construção de um perfil pessoal alinhado com o empreendedorismo. Esta constatação vai ao encontro do que é defendido por Gonzalez-Serrano

et al. (2018), que identificam a autoeficácia como um dos principais determinantes da IE no contexto desportivo.

Para além disso, o desejo de autonomia e autorrealização, valores fortemente associados à motivação intrínseca, são reconhecidos pela literatura como uma força impulsionadora da IE (Lin & Liang, 2024; Pavan Kumar, 2021). A presença destes traços reforça a ideia de que esta intenção não surge apenas de incentivos externos, mas sobretudo de uma orientação interna para a superação pessoal, a criatividade e a procura de impacto no setor, dimensões recorrentes nos dados do estudo qualitativo.

Relativamente ao grupo temático 2 (fatores contextuais), e tal como no estudo qualitativo, fatores como a cultura empreendedora, o apoio institucional, as condições económicas e a influência familiar, assumem um papel relevante, onde emergem como condicionantes indiretos mas estruturantes da IE no setor desportivo.

A análise qualitativa revelou um sentimento transversal de frustração face à falta de apoio logístico no que toca à criação de novos projetos. Alguns entrevistados referem dificuldades relacionadas com o acesso a financiamento e a grande maioria destaca o excesso de burocracia associada à implementação de ideias empreendedoras. Estes obstáculos, já amplamente discutidos na literatura (González-Serrano, Crespo Hervás, et al., 2017; Lara-Bocanegra et al., 2021), reforçam a ideia de que a viabilidade percebida, uma variável central no Modelo do Evento Empreendedor, é negativamente afetada por contextos institucionais frágeis. No entanto, o facto de estes estudantes estarem integrados num contexto universitário, onde se esperaria um maior incentivo ao empreendedorismo, acentua ainda mais o contraste entre as suas expectativas e a realidade percebida. O desporto universitário, ao promover autonomia e competitividade, parece estimular o desejo de criar projetos próprios, mas a falta de estruturas de apoio diminui essa predisposição.

Ao contrário do que é dito na literatura (González-Serrano et al., 2018; González-Serrano, Moreno, et al., 2017), a cultura nacional ou organizacional não foi mencionada espontaneamente pelos entrevistados como um fator relevante ou motivador da sua IE. Esta ausência pode indicar que, para os entrevistados, o ambiente cultural é visto como neutro ou, simplesmente, não é salientado como elemento influente. Esta neutralidade pode estar relacionada com o facto de os estudantes se encontrarem imersos em ambientes desportivos e académicos específicos, nos quais se formam subculturas próprias que relativizam a influência da cultura nacional mais ampla. O desporto universitário, neste caso, pode funcionar como um espaço formativo autónomo, com normas e valores próprios, onde a IE é mais determinada por experiências diretas e contextos imediatos do que por influências culturais macro. Esta evidência contrária, assim, os resultados apontados por González-Serrano, Moreno, et al. (2017) e González-Serrano et al. (2018), que identificam a cultura como um fator moderador relevante na formação da IE, sugerindo que a sua

influência poderá ser menos significativa em contextos como o do desporto universitário português.

Por outro lado, embora a condição financeira não tenha sido diretamente explorada nas entrevistas, a percepção de que “é preciso ter contactos” para aceder a apoios e financiamento sugere uma consciência crítica sobre desigualdades estruturais.

Pode ainda concluir-se a influência positiva de exemplos de familiares ou de membros próximos com experiência empreendedora, destacando o papel desses modelos de referência no reforço da sua autoeficácia e da percepção de viabilidade, corroborando o que foi identificado na literatura relativamente ao impacto da proximidade de membros empreendedores (Lara-Bocanegra, García-Fernández, et al., 2022). Neste caso, o contexto do desporto universitário pode, paradoxalmente, acentuar a importância dos modelos externos, uma vez que o ecossistema universitário-desportivo ainda oferece poucas referências diretas de empreendedores. A ausência de figuras empreendedoras dentro do desporto universitário leva os estudantes a procurar inspiração fora do meio institucional, o que torna o impacto da influência de membros próximos que sejam empreendedores ainda mais relevante.

Assim, os dados empíricos obtidos no Estudo 2 validam parcialmente os fatores contextuais da literatura, mas revelam uma ausência notável de referência à cultura como estímulo à IE. Esta diferença contribui para um melhor entendimento da relação entre contexto e IE.

No que toca ao grupo temático 3 (fatores socioculturais), o estudo 2 fornece evidências empíricas parcialmente concordantes com a literatura sistematizada no estudo 1, em especial no que diz respeito à influência do sexo e da experiência desportiva na formação da IE.

A literatura, quanto à influência do sexo na IE no contexto desportivo, apresenta resultados inconclusivos e por vezes contraditórios. Embora alguns autores apontem para uma menor propensão empreendedora entre mulheres devido a fatores como menor autoeficácia ou aversão ao risco (Costa & Miragaia, 2022; Rodrigues et al., 2020), outros estudos indicam uma tendência de convergência entre sexos, especialmente em ambientes educacionais mais igualitários (Puyana et al., 2019). No estudo qualitativo, esta variável não pôde ser explorada de forma conclusiva, dado que o grupo de estudo contou apenas com uma participante do sexo feminino, comprometendo qualquer generalização estatística. Ainda assim, o seu testemunho reforça a percepção de que as mulheres continuam a enfrentar barreiras estruturais e simbólicas no setor desportivo, o que está alinhado com as tendências da literatura. Neste caso, o facto de a participante ser praticante de desporto universitário parece não ter sido suficiente para atenuar estas desigualdades percebidas, revelando que o desporto, apesar do seu potencial inclusivo, ainda reflete padrões de desigualdade de sexo presentes na sociedade em geral.

O fator idade é reconhecido como um fator moderador com impacto indireto sobre a iIE, associado à maturidade e experiência acumulada (Lara-Bocanegra, Pedragosa, et al., 2024; A. Teixeira & Forte, 2017). No entanto, os dados qualitativos não corroboram a literatura, sugerindo que a idade, no contexto desta amostra, não é percebida como um fator diferenciador, o que pode ser reflexo de um perfil etário relativamente homogêneo ou uma naturalização da sua influência. Esta homogeneidade pode ser explicada pelo próprio ambiente do desporto universitário, podendo este funcionar como um nivelador do efeito da idade, acelerando a aquisição de competências empreendedoras em perfis mais jovens.

Por outro lado, a literatura evidencia que a educação para o empreendedorismo constitui um fator potencializador da IE (do Paço et al., 2013; González-Serrano, Calabuig Moreno, et al., 2021; Ratten, 2018), havendo, no entanto, críticas quanto à forma como é implementada (Roşu, 2022). Os dados empíricos vão de encontro ao reconhecimento da importância da formação académica, mas expressaram também críticas à sua excessiva teorização e fraca aplicabilidade, evidenciando uma lacuna entre teoria e prática. Este desfasamento entre teoria e prática torna-se ainda mais evidente em estudantes que, por via do desporto universitário, estão habituados a contextos baseados na experiência prática, o que aumenta a sua exigência relativamente à qualidade formativa, corroborando parcialmente a literatura, na medida em que valida a relevância da formação, mas questiona a sua eficácia nos moldes atuais.

Para além disso, importa referir que, apesar de os entrevistados frequentarem diferentes instituições de ensino superior, não foram encontradas diferenças significativas entre universidades quanto à percepção da qualidade da formação em empreendedorismo. Esta uniformidade sugere que a ausência de formação menos teórica não é um problema isolado de uma instituição, mas antes um fenómeno transversal no ensino superior português.

No que diz respeito à área de formação, a literatura mostra que os estudantes de Ciências do Desporto tendem a apresentar maiores níveis de IE (Teixeira & Forte, 2017). No entanto, no estudo 2, a maioria dos participantes provém de outras áreas (como gestão, direito, comunicação, ...), o que impossibilita a confirmação empírica desta relação. Ainda assim, é de notar que estudantes de áreas não desportivas, mas envolvidos em desporto universitário, demonstraram perfis empreendedores sólidos no geral, o que pode indicar que a prática desportiva regular pode compensar, em parte, a ausência de formação específica em empreendedorismo.

Para além disso, a literatura destaca também que atletas, sobretudo os de alto rendimento, tendem a apresentar níveis superiores de IE, em virtude da resiliência, disciplina e orientação para objetivos adquiridos na prática competitiva (Steinbrink et al., 2020; Vidal-Vilaplana et al., 2025). Este padrão é claramente corroborado pelo estudo 2, onde os entrevistados federados manifestaram efetivamente níveis mais elevados de predisposição para empreender, atribuindo esse facto às aprendizagens acumuladas na prática desportiva. Tal como reportado pelos próprios, a exigência do treino, a disciplina necessária para conciliar atividades académicas e desportivas,

e a vivência constante com situações de superação contribuem diretamente para o reforço da sua autoeficácia e confiança para iniciar projetos próprios. Este padrão sugere que o desporto universitário, sobretudo quando aliado à competição num nível mais competitivo (federado), funciona como um espaço formativo informal altamente eficaz no desenvolvimento de competências empreendedoras, confirmando de forma clara as tendências descritas na literatura.

4.2. Implicações teóricas

Os resultados do presente estudo contribuem de forma significativa para aprofundar a compreensão sobre a IE no setor desportivo, especialmente no contexto do desporto universitário português. Através da abordagem qualitativa, foi possível identificar dimensões subjetivas e experiências que complementam os dados amplamente produzidos em estudos quantitativos, respondendo assim a uma lacuna salientada por diversos autores (Rensburg & Kanayo, 2021; Steinbrink et al., 2020). Ao focar nos estudantes universitários que praticam desporto universitário, a investigação permite uma análise mais refinada da relação entre prática desportiva universitária e predisposição para o empreendedorismo.

A nível teórico, a investigação reforça a validade da TCP (Ajzen, 1991) ao demonstrar, empiricamente, que variáveis como a atitude empreendedora, a autoeficácia e o controlo comportamental percebido se revelam fundamentais na formação da IE. No estudo 2, essas variáveis surgem frequentemente associadas à vivência desportiva universitária, sendo o próprio contexto competitivo e disciplinado do desporto académico aquele que, segundo os participantes, contribui diretamente para o reforço da perceção de viabilidade e controlo comportamental percebido, dois pilares centrais na formação da IE.

A dimensão da motivação intrínseca, por sua vez, fortemente evidenciada nos discursos dos entrevistados, alinha-se com os pressupostos da TCP, ao mesmo tempo que se articula com o Modelo do Evento Empreendedor (Schlaegel & Koenig, 2014), sobretudo na perceção de desejabilidade e viabilidade do ato de empreender.

Além disso, este estudo confirma o papel relevante dos traços de personalidade como a criatividade, a resiliência e a tolerância ao risco na predisposição para empreender, sendo o desporto universitário um espaço privilegiado para a formação e desenvolvimento desses mesmos traços. Estes fatores, embora tradicionalmente abordados de forma quantitativa, ganham aqui contornos mais aprofundados ao serem compreendidos a partir dos discursos dos próprios estudantes no estudo 2. Este aspeto permite aumentar a compreensão teórica da IE, ao incorporar variáveis subjetivas e contextuais que frequentemente escapam às abordagens estatísticas.

Por fim, o estudo contribui para um refinamento da literatura sobre empreendedorismo desportivo ao evidenciar que o desporto universitário deve ser entendido não apenas como uma atividade extracurricular, mas como um verdadeiro contexto formativo com potencial para

estimular desenvolver atitudes, valores e competências alinhadas com o empreendedorismo. Esta perspectiva desafia visões mais redutoras da prática desportiva e propõe que a sua integração estratégica no percurso académico pode representar um vetor significativo de promoção da iniciativa empreendedora entre estudantes do ensino superior.

4.3. Implicações práticas

No plano prático, os resultados do presente estudo oferecem implicações relevantes para o desenho e a implementação de estratégias educacionais e institucionais voltadas para o incentivo do empreendedorismo no contexto específico do desporto universitário português.

Em primeiro lugar, destaca-se a necessidade de reformular os programas de educação para o empreendedorismo nas instituições de ensino superior, com ênfase clara em abordagens mais práticas e articuladas com a realidade do desporto universitário. A perceção generalizada entre os estudantes-atletas de que a formação atual é excessivamente teórica revela uma falha de alinhamento entre o ensino e os desafios concretos do setor desportivo, o que compromete a transição para práticas empreendedoras. Torna-se essencial que os currículos universitários integrem metodologias de aprendizagem experiencial, casos práticos ligados ao desporto, e a criação de ambientes de experimentação, como incubadoras orientadas especificamente para projetos desportivos. Parcerias com empreendedores da área ou estágios em *startups* desportivas podem também reforçar a pertinência formativa.

Por outro lado, embora existam atualmente diversas linhas de apoio financeiro destinadas a jovens empreendedores, os dados recolhidos apontam para a excessiva burocracia como principal barreira à concretização de projetos no desporto universitário. Esta morosidade e complexidade administrativa desincentiva a iniciativa por parte de estudantes que, para além das exigências académicas e desportivas, enfrentam dificuldades adicionais nos processos de candidatura e implementação de ideias. Torna-se, assim, imperativo desenvolver mecanismos simplificados, orientados para estudantes-atletas, como linhas de financiamento direto através de serviços de empreendedorismo universitário, gabinetes de apoio específicos ao desporto e plataformas digitais que reúnam informação prática sobre os recursos disponíveis.

Além disso, os resultados do estudo revelam que a prática desportiva em contexto universitário, especialmente entre atletas federados, é percecionada como promotora de competências diretamente transferíveis para o empreendedorismo. Este dado implica que clubes universitários, associações académicas e federações desportivas devem reconhecer o papel formativo do desporto universitário não apenas na performance atlética, mas também na preparação para a vida profissional e empreendedora. Isso pode traduzir-se na oferta de programas de carreira dupla, que combinem formação desportiva com literacia empreendedora, por exemplo, através de workshops práticos, palestras com ex-atletas empreendedores, e *mentoring* por profissionais do setor.

Adicionalmente, o ensino superior poderia promover disciplinas optativas ou módulos extracurriculares de gestão e inovação desportiva, acessíveis a estudantes de várias áreas, permitindo que a vivência no desporto universitário se articule com ferramentas de planeamento, criação e liderança de projetos. Tal estratégia contribuiria para transformar as universidades em ecossistemas empreendedores com foco desportivo, onde os atletas não apenas competem, mas também testam e desenvolvem soluções inovadoras para os desafios do setor desportivo.

Em suma, as implicações práticas deste estudo sublinham a importância de reposicionar o desporto universitário enquanto ambiente de desenvolvimento empreendedor, exigindo respostas institucionais mais integradas, recursos formativos adequados e estruturas de apoio ajustadas à realidade dos estudantes-atletas portugueses.

Capítulo 5: Conclusões, limitações e investigações futuras

A presente dissertação procurou aprofundar a compreensão da intenção empreendedora (IE) no setor desportivo, através de uma análise que combinou uma revisão sistemática da literatura (Estudo 1) e um estudo empírico qualitativo (Estudo 2). Esta abordagem permitiu não só consolidar o conhecimento existente, mas também perceber quais as motivações e obstáculos vivenciados por estudantes universitários que praticam desporto, um grupo frequentemente negligenciado na literatura académica sobre empreendedorismo desportivo.

No Estudo 1, foram identificados três grandes grupos temáticos, sendo eles: fatores intrínsecos, fatores contextuais e fatores sociodemográficos, que influenciam a IE. As principais conclusões apontam para a relevância da autoeficácia, da motivação intrínseca, da educação empreendedora prática e da experiência desportiva como facilitadores da predisposição para empreender. A Teoria do Comportamento Planeado (TCP) (Ajzen, 1991) e o Modelo do Evento Empreendedor (Schlaegel & Koenig, 2014) revelaram-se úteis para estruturar a análise teórica e interpretar os resultados obtidos.

O Estudo 2, de natureza qualitativa, veio complementar essa base teórica ao aprofundar dimensões subjetivas e contextuais da IE. Os resultados evidenciam que os estudantes praticantes de desporto universitário valorizam a autonomia, a realização pessoal e a possibilidade de impactar positivamente o setor desportivo. Simultaneamente, apontam limitações significativas como a burocracia, a morosidade dos apoios institucionais e a fraca articulação entre teoria e prática no ensino superior. Adicionalmente, identificaram-se barreiras de sexo ainda persistentes, apesar de uma perceção crescente de mudança social.

Este trabalho destaca a importância dos estudos qualitativos neste domínio porque permitem aceder a perceções pessoais, experiências vividas e contextos específicos, que muitas vezes não são captados em estudos meramente quantitativos. Ou seja, valoriza-se o tipo de investigação que dá voz aos próprios estudantes e atletas, ajudando a compreender mais profundamente o "porquê" e o "como" das suas intenções empreendedoras, e não apenas o "quanto".

Para além disso, o estudo identifica problemas estruturais concretos (como a excessiva burocracia, a falta de aplicação prática na formação universitária, ou a desigualdade de sexo no acesso a oportunidades) que ainda não estão a ser suficientemente resolvidos pelas universidades, pelos organismos públicos ou pelas entidades do setor desportivo. Neste sentido, os principais contributos desta dissertação passam pela demonstração do papel potenciador do desporto universitário na formação de competências empreendedoras, pela valorização das metodologias qualitativas neste campo de estudo, e pela identificação de dimensões estruturais que ainda não estão a ser adequadamente enfrentadas por instituições de ensino superior, entidades públicas e organizações do setor desportivo.

Limitações

Apesar das diversas contribuições, este estudo não está isento de limitações. Apesar de ter seguido um protocolo rigoroso de revisão sistemática, o Estudo 1 apresenta algumas limitações que devem ser reconhecidas. Em primeiro lugar, a pesquisa foi conduzida apenas em bases de dados específicas (*scopus e web of science*), o que pode ter levado à exclusão de estudos relevantes que não estejam presentes nas fontes. Em segundo lugar, a seleção dos artigos considerou apenas publicações em determinados idiomas (inglês), excluindo potencialmente artigos relevantes publicados noutras línguas. Terceiro, embora tenham sido definidos critérios claros de inclusão e exclusão, o processo de triagem e extração de dados envolve alguma subjetividade. Por último, a revisão abrange um período temporal definido, pelo que resultados mais recentes publicados após essa janela não foram considerados.

Por outro lado, o estudo qualitativo baseou-se num grupo de estudo relativamente reduzido (n=15), o que, embora adequado à metodologia, limita a generalização dos resultados. A predominância de participantes do sexo masculino (com apenas uma mulher entrevistada) impediu uma análise mais aprofundada da variável sexo. Para além disso, a maioria dos participantes frequentava cursos não diretamente ligados ao desporto (com exceção de alguns estudantes de Ciências do Desporto), o que poderá ter condicionado a perceção de viabilidade e atratividade de projetos empreendedores neste setor. Do mesmo modo, o estudo incidiu exclusivamente sobre o contexto universitário português, não sendo possível extrapolar os resultados para outros países com sistemas de ensino, cultura desportiva ou ecossistemas empreendedores distintos. Importa destacar ainda que, embora a literatura aponte a cultura nacional e organizacional como um fator moderador relevante da IE, este aspeto não emergiu de forma espontânea nem expressiva no discurso dos entrevistados. Esta ausência pode dever-se a uma naturalização do contexto cultural, à falta de estímulos culturais explícitos ao empreendedorismo no meio académico-desportivo português, ou até à dificuldade dos participantes em identificar e verbalizar influências culturais. Assim, a cultura, enquanto variável de análise, não foi suficientemente captada nem aprofundada, o que constitui uma limitação na compreensão mais holística do fenómeno estudado.

Além disso, importa reconhecer que os dados recolhidos correspondem a um momento específico no tempo, refletindo perceções situadas e condicionadas por fatores conjunturais, como o estado atual da economia, políticas públicas vigentes ou experiências pessoais recentes.

Futuras linhas de investigação

Com base nas limitações anteriormente identificadas, bem como nas lacunas destacadas ao longo do presente trabalho, propõem-se várias linhas de investigação que poderão aprofundar a compreensão sobre a IE no setor desportivo.

Uma primeira linha de investigação pertinente diz respeito à realização de estudos comparativos entre países, com diferentes contextos socioculturais, níveis de desenvolvimento económico e estruturas institucionais. A IE é um fenómeno altamente sensível ao ambiente envolvente, sendo influenciada por variáveis como a cultura nacional, as políticas públicas de apoio à criação de negócios, o estatuto social do empreendedor e a valorização do desporto como setor económico estratégico. Estudos que comparem, por exemplo, estudantes de ciências do desporto de países do sul e norte da Europa poderiam contribuir para uma compreensão mais abrangente do papel do contexto na formação da IE, validando ou problematizando as conclusões obtidas em estudos de âmbito exclusivamente nacional.

Uma segunda proposta para investigação futura consiste na exploração do impacto de diferentes modalidades desportivas na predisposição empreendedora. A literatura recente sugere que a prática de desportos coletivos pode potenciar competências como trabalho em equipa, liderança e comunicação interpessoal, enquanto desportos individuais tendem a reforçar a autonomia, a disciplina e a autorresponsabilização, sendo todas elas competências relevantes para o percurso empreendedor. Adicionalmente, modalidades de maior risco (como desportos de aventura ou alta competição) parecem estar associadas a uma maior tolerância à incerteza, à tomada de decisão sob pressão e à capacidade de lidar com o fracasso, características fundamentais no perfil empreendedor. Assim, investigações futuras que considerem a tipologia da prática desportiva dos participantes poderão identificar padrões diferenciados de IE e contribuir para intervenções educativas mais segmentadas e eficazes.

Por fim, sugere-se a realização de estudos longitudinais que acompanhem os estudantes ao longo do tempo, permitindo observar a evolução das suas intenções empreendedoras e a eventual transição da intenção para a ação empreendedora efetiva. Este tipo de abordagem permitiria compreender, de forma mais profunda, como fatores como a maturidade pessoal, a experiência acumulada, o acesso a redes de apoio ou a passagem por eventos críticos influenciam a trajetória empreendedora no setor desportivo.

Capítulo 6: Referências bibliográficas

- Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 50(2), 179–211. [https://doi.org/10.1016/0749-5978\(91\)90020-T](https://doi.org/10.1016/0749-5978(91)90020-T)
- Alferaih, A. (2017). Weight- and meta-analysis of empirical literature on entrepreneurship: Towards a conceptualization of entrepreneurial intention and behaviour. *The International Journal of Entrepreneurship and Innovation*, 18(3), 195–209. <https://doi.org/10.1177/1465750317722114>
- Alstete, J. W. (2002). On becoming an entrepreneur: An evolving typology. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 8(4), 222–234. <https://doi.org/10.1108/13552550210436521>
- Bajçinca-Brestovci, S., Zhushi, G., Krasniqi, B. A., Kryeziu, L., Bağış, M., Lajqi, S., Zeqiri, B., & Dedaj, Z. (2023). Sports University Education and Entrepreneurial Intentions: Findings from Kosovo. *Economic Alternatives*, 29(1), 210–228. <https://doi.org/10.37075/EA.2023.1.12>
- Bellver, D. O., Pérez-Campos, C., González-Serrano, M. H., & Martínez-Rico, G. (2022a). Towards the development of future sustainable sports entrepreneurs: An asymmetric approach of the sports sciences sustainable entrepreneurial intentions. *Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education*, 31, 100403. <https://doi.org/10.1016/j.jhlste.2022.100403>
- Blackburn, G. (2014). Elements of successful change: The service tasmania experience to public sector reform. *Australian Journal of Public Administration*, 73(1), 103–114. <https://doi.org/10.1111/1467-8500.12054>
- Bredikhina, N. (2025). Collaborative competitors: How NCAA college athletes manage team dynamics amid personal brand monetization. *Sport Management Review*, 0(0), 1–29. <https://doi.org/10.1080/14413523.2025.2528319>
- Brunton, J. A., & St Quinton, T. (2021). *Applying Stage-Based Theory to engage female students in university sport*. <https://doi.org/10.14198/jhse.2021.161.02>
- Costa, C., & Miragaia, D. A. M. (2022). A systematic review of women’s entrepreneurship in the sports industry: Has anything changed? *Gender in Management: An International Journal*, 37(8), 988–1008. <https://doi.org/10.1108/GM-04-2021-0101>

- da Costa, C. D. M., Miragaia, D. A. M., & Veiga, P. M. (2023). Entrepreneurial intention of sports students in the higher education context—Can gender make a difference? *Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education*, 32, 100433. <https://doi.org/10.1016/j.jhlste.2023.100433>
- Debognies, P., Schailleé, H., Haundenhuysse, R., & Theeboom, M. (2019). Personal development of disadvantaged youth through community sports: A theory-driven analysis of relational strategies. *Sport in Society*, 22(6), 897-918. <https://doi.org/10.1080/17430437.2018.1523144>
- do Paço, A., Ferreira, J. M., Raposo, M., Rodrigues, R. G., & Dinis, A. (2013). Entrepreneurial intentions: Is education enough? *International Entrepreneurship and Management Journal*, 11(1), 57-75. <https://doi.org/10.1007/s11365-013-0280-5>
- Eurostat. (2023). *Employment in sport*. https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Employment_in_sport
- Fayolle, A., & Liñán, F. (2014). The future of research on entrepreneurial intentions. *Journal of Business Research*, 67(5), 663-666. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2013.11.024>
- Gammon, S., & Robinson, T. (2003). Sport and Tourism: A Conceptual Framework. *Journal of Sport & Tourism*, 8(1), 21-26. <https://doi.org/10.1080/14775080306236>
- Ghosh, S., Hughes, M., Hughes, P., & Hodgkinson, I. (2021). Digital transformation of industrial businesses: A dynamic capability approach. *Technovation*, 113. <https://doi.org/10.1016/j.technovation.2021.102414>
- Gioia, D. A., Corley, K. G., & Hamilton, A. L. (2013). *Seeking Qualitative Rigor in Inductive Research—Dennis A. Gioia, Kevin G. Corley, Aimee L. Hamilton, 2013*. <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1094428112452151>
- Gomes, G., Seman, L. O., Berndt, A. C., & Bogoni, N. (2021). The role of entrepreneurial orientation, organizational learning capability and service innovation in organizational performance. *Revista de Gestão*, 29(1), 39-54. <https://doi.org/10.1108/REGE-11-2020-0103>
- González-Serrano, M. H., Calabuig Moreno, F., & Crespo Hervás, J. (2021). Sport management education through an entrepreneurial perspective: Analysing its impact on Spanish sports science students. *The International Journal of Management Education*, 19(1), 100271. <https://doi.org/10.1016/j.ijme.2018.11.007>

- González-Serrano, M. H., Calabuig Moreno, F., Valantine, I., & Crespo Hervás, J. (2019). How to detect potential sport intrapreneurs? Validation of the intrapreneurial intention scale with sport science students. *Journal of Entrepreneurship and Public Policy*, 8(1), 40–61. <https://doi.org/10.1108/JEPP-D-18-00093>
- González-Serrano, M. H., Crespo Hervás, Josep, Pérez-Campos, Carlos, & Calabuig-Moreno, F. (2017). The importance of developing the entrepreneurial capacities in sport sciences university students. *International Journal of Sport Policy and Politics*, 9(4), 625–640. <https://doi.org/10.1080/19406940.2017.1316762>
- González-Serrano, M. H., González-García, R. J., Carvalho, M. J., & Calabuig, F. (2021). Predicting entrepreneurial intentions of sports sciences students: A cross-cultural approach. *Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education*, 29, 100322. <https://doi.org/10.1016/j.jhlste.2021.100322>
- Gonzalez-Serrano, M. H., González-García, R. J., & Pérez-Campos, C. (2018). Entrepreneurial and intrapreneurial intentions of sports science students: What are their determinant variables? *Journal of Physical Education and Sport*, 18, 1363–1372. <https://doi.org/10.7752/jpes.2018.s3202>
- Gonzalez-Serrano, M. H., Moreno, F. C., García-Fernández, J., Hervas, J. C., & Pérez-Campos, C. (2017). Can regional culture values affect the entrepreneurial intentions of sport science students? An analysis of two Spanish regions. *Journal of Physical Education and Sport*, 17(3), 1163–1171. <https://doi.org/10.7752/jpes.2017.03179>
- González-Serrano, M. H., Prado-Gascó, V., Crespo-Hervás, J., & Calabuig-Moreno, F. (2019). Does sport affect the competitiveness of European Union countries? An analysis of the degree of innovation and GDP per capita using linear and QCA models. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 15(4), 1343–1362. Scopus. <https://doi.org/10.1007/s11365-019-00592-7>
- González-Serrano, M. H., Valantine, I., Hammerschmidt, J., & Calabuig, F. (2023). How to foster intrapreneurial intentions of sport science students? A cross-cultural symmetric and asymmetric approach. *Economic Research-Ekonomska Istraživanja*, 36(1). <https://doi.org/10.1080/1331677x.2023.2180059>
- González-Serrano, M. H., Valantine, I., Hervás, J. C., Pérez-Campos, C., & Moreno, F. C. (2018). Sports university education and entrepreneurial intentions: A comparison between Spain

- and Lithuania. *Education + Training*, 60(5), 389–405. <https://doi.org/10.1108/ET-12-2017-0205>
- González-Serrano, M. H., Valantine, I., Matic, R., Milovanović, I., Sushko, R., & Calabuig, F. (2023). Determinants of entrepreneurial intentions in European sports science students: Towards the development of future sports entrepreneurs. *European Research on Management and Business Economics*, 29(3), 100229. <https://doi.org/10.1016/j.iedeen.2023.100229>
- Hammerschmidt, J., González-Serrano, M. H., Puumalainen, K., & Calabuig, F. (2024). Sport entrepreneurship: The role of innovation and creativity in sport management. *Review of Managerial Science*, 18(11), 3173–3202. <https://doi.org/10.1007/s11846-023-00711-3>
- Henry, I. (2013). Athlete Development, Athlete Rights and Athlete Welfare: A European Union Perspective. *The International Journal of the History of Sport*, 30(4), 356–373. <https://doi.org/10.1080/09523367.2013.765721>
- Hu, R., & Ye, Y. (2017). Do Entrepreneurial Alertness and Self-efficacy Predict Chinese Sports Major Students' Entrepreneurial Intention? *Social Behavior and Personality: An International Journal*, 45(7), 1187–1196. <https://doi.org/10.2224/sbp.6356>
- Huertas González-Serrano, M., Jones, Paul, & and Llanos-Contrera, O. (2020). An overview of sport entrepreneurship field: A bibliometric analysis of the articles published in the Web of Science. *Sport in Society*, 23(2), 296–314. <https://doi.org/10.1080/17430437.2019.1607307>
- Ismail, R., Vanderstraeten, J., & Slabbinck, H. (2024). The student entrepreneurial intention cloud: A review of reviews. *Cogent Business & Management*, 11(1), 2344046. <https://doi.org/10.1080/23311975.2024.2344046>
- Jones, O., & Gatrell, C. (2014). Editorial: The Future of Writing and Reviewing for. *International Journal of Management Reviews*, 16(3), 249–264. <https://doi.org/10.1111/ijmr.12038>
- kallio, H., Pietila, A.-M., Johnson, M., & Kangasniemi, M. (2016). Systematic methodological review: developing a framework for a qualitative semi-structured interview guide. *Journal of advanced nursing*, 72(12), 2954-2965. <https://doi.org/10.1111/jan.13031>

- Kenny, B. (2015). Meeting the entrepreneurial learning needs of professional athletes in career transition. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 21(2), 175–196. <https://doi.org/10.1108/IJEER-07-2013-0113>
- Krueger, N. F., Reilly, M. D., & Carsrud, A. L. (2000). Competing models of entrepreneurial intentions. *Journal of Business Venturing*, 15(5), 411–432. [https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(98\)00033-0](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(98)00033-0)
- Kumar, R., & Shukla, S. (2022). Creativity, Proactive Personality and Entrepreneurial Intentions: Examining the Mediating Role of Entrepreneurial Self-efficacy. *Global Business Review*, 23(1), 101–118. <https://doi.org/10.1177/0972150919844395>
- Lara-Bocanegra, A., Bohórquez, M. R., & García-Fernández, J. (2021). Innovation from sport's entrepreneurship and intrapreneurship: Opportunities from a systematic review. *International Journal of Sports Marketing and Sponsorship*, 23(5), 863–880. <https://doi.org/10.1108/IJSMS-12-2020-0212>
- Lara-Bocanegra, A., Bohórquez, M. R., García-Fernández, J., Ratten, V., & Gálvez-Ruiz, P. (2024). Design, validation and psychometric properties of a questionnaire to assess intrapreneurial behaviours in sports organisations. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 21(1), 7. <https://doi.org/10.1007/s11365-024-01015-y>
- Lara-Bocanegra, A., Bohórquez, M. R., Grimaldi-Puyana, M., Gálvez-Ruiz, P., & García-Fernández, J. (2022). Effects of an entrepreneurship sport workshop on perceived feasibility, perceived desirability and entrepreneurial intentions: A pilot study in sports science students. *Sport in Society*, 25(8), 1528–1544. <https://doi.org/10.1080/17430437.2020.1829596>
- Lara-Bocanegra, A., García-Fernández, J., Gálvez-Ruiz, P., Grimaldi-Puyana, M., & Bohórquez Gómez-Millán, M. R. (2022). Does background matter? Analysis of the influence of sex, socioeconomic status and the existence of an entrepreneurial family member as a precursor to entrepreneurship in university students of Sport Sciences. *Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education*, 31, 100394. <https://doi.org/10.1016/j.jhlste.2022.100394>
- Lara-Bocanegra, A., Pedragosa, V., García-Fernández, J., & Bohórquez, M. R. (2024). Fit-intrapreneurship in the emerging economy of health and fitness industry. *Journal of*

- Entrepreneurship in Emerging Economies*, 17(1), 98–117.
<https://doi.org/10.1108/JEEE-03-2024-0115>
- Lee, S. H., & Wong, P. K. (2004). An exploratory study of technopreneurial intentions: A career anchor perspective. *Journal of Business Venturing*, 19(1), 7–28.
[https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(02\)00112-X](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(02)00112-X)
- Liberati, A., Altman, D. G., Tetzlaff, J., Mulrow, C., Gøtzsche, P. C., Ioannidis, J. P. A., Clarke, M., Devereaux, P. J., Kleijnen, J., & Moher, D. (2009). The PRISMA statement for reporting systematic reviews and meta-analyses of studies that evaluate health care interventions: Explanation and elaboration. *Journal of Clinical Epidemiology*, 62(10), e1–e34.
<https://doi.org/10.1016/j.jclinepi.2009.06.006>
- Lin, J., & Liang, C. (2024). Student-athlete advancement: Influence of personality on academic performance and entrepreneurial intention through creative potential. *International Journal of Sport Psychology*, 55(6), 586–612.
<http://dx.doi.org/10.7352/IJSP.2024.55.586>
- Lin, J., Liang, C., Chen, W.-C., & Tsai, H. (2025). Conversion of creative potential into sports entrepreneurship. *Thinking Skills and Creativity*, 56, 101735.
<https://doi.org/10.1016/j.tsc.2024.101735>
- Liñán, F. (2004). Intention-based models of entrepreneurship education. *Piccola Impresa/Small Business*, 3(1), 11–35.
- Liñán, F., & Chen, Y. (2009). Development and Cross-Cultural Application of a Specific Instrument to Measure Entrepreneurial Intentions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(3), 593–617. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2009.00318.x>
- Liñán, F., & Fayolle, A. (2015). A systematic literature review on entrepreneurial intentions: Citation, thematic analyses, and research agenda. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 11(4), 907–933. <https://doi.org/10.1007/s11365-015-0356-5>
- Naia, A., Baptista, R., Biscaia, R., Januário, C., & Trigo, V. (2017). Entrepreneurial intentions of Sport Sciences students And Theory of Planned Behavior. *Motriz. Revista de Educacao Fisica*, 23(1), 14–21. <https://doi.org/10.1590/S1980-6574201700010003>
- Nowiński, W., Haddoud, Mohamed Yacine, Lančarič, Drahošlav, Egerová, Dana, & Czegeledi, C. (2019). The impact of entrepreneurship education, entrepreneurial self-efficacy and gender on entrepreneurial intentions of university students in the Visegrad countries.

Studies in Higher Education, 44(2), 361–379.
<https://doi.org/10.1080/03075079.2017.1365359>

- Ordiñana-Bellver, D., Aguado-Berenguer, S., Pérez-Campos, C., & González-Serrano, M. H. (2024). Exploring nature-based physical activity as a catalyst for sustainable entrepreneurial intentions in sport science students. *Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education*, 34, 100482. <https://doi.org/10.1016/j.jhlste.2024.100482>
- Pache, A.-C., & Santos, F. (2013). Inside the hybrid organization: Selective coupling as a response to competing institutional logics. *The Academy of Management Journal*, 56(4), 972–1001. <https://doi.org/10.5465/amj.2011.0405>
- Pavan Kumar, S. (2021). Exploring the Relationship Between Students' Inclination to Sports and their Entrepreneurial Intentions. *Journal of Engineering Education Transformations*, 34(0), 57. <https://doi.org/10.16920/jeet/2021/v34i0/157106>
- Pedauga, L. E., Pardo-Fanjul, A., Redondo, J. C., & Izquierdo, J. M. (2022). Assessing the economic contribution of sports tourism events: A regional social accounting matrix analysis approach. *Tourism Economics*, 28(3), 599–620. <https://doi.org/10.1177/1354816620975656>
- Pellegrini, M. M., Rialti, R., Marzi, G., & Caputo, A. (2020). Sport entrepreneurship: A synthesis of existing literature and future perspectives. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 16(3), 795–826. <https://doi.org/10.1007/s11365-020-00650-5>
- Peredo, A. M., & Chrisman, J. J. (2006). Toward a Theory of Community-Based Enterprise. *Academy of Management Review* 2006, 31, 1–49. <https://doi.org/10.5465/amr.2006.20208683>
- Pérez-Macías, N., Fernández-Fernández, J.-L., & Vieites, A. R. (2022). Analyzing the past to prepare for the future: A review of literature on factors with influence on entrepreneurial intentions. *Journal of International Entrepreneurship*, 20(1), 52–114. <https://doi.org/10.1007/s10843-021-00289-5>
- Pinchot, G. I. (1985). *Intrapreneuring: Why you don't have to leave the corporation to become an entrepreneur*. New York, NY: Harper & Row.
- Puyana, M. G., Gálvez-Ruiz, P., Sánchez-Oliver, A. J., & Fernández, J. G. (2019). Intentions of entrepreneurship in sports science higher education: Gender the moderator effect.

- Journal of Entrepreneurship and Public Policy*, 8(1), 147–162.
<https://doi.org/10.1108/JEPP-03-2019-105>
- Ratten, V. (2011). Sport-based entrepreneurship: Towards a new theory of entrepreneurship and sport management. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 7(1), 57–69. <https://doi.org/10.1007/s11365-010-0138-z>
- Ratten, V. (2012). Sport entrepreneurship: Challenges and directions for future research. *International Journal of Entrepreneurial Venturing*, 4(1), 65–76.
<https://doi.org/10.1504/IJEV.2012.044819>
- Ratten, V. (2018). Entrepreneurial intentions of surf tourists. *Tourism Review*, 73(2), 262–276.
<https://doi.org/10.1108/TR-05-2017-0095>
- Ratten, V. (2019). *Sport Entrepreneurship: Developing and Sustaining an Entrepreneurial Sports Culture* (Softcover reprint of the original 1st ed. 2018 edition). Springer.
- Ratten, V., & Ferreira, J. (2017). Entrepreneurship, innovation and sport policy: Implications for future research. *International Journal of Sport Policy and Politics*, 9(4), 575–577.
<https://doi.org/10.1080/19406940.2017.1380683>
- Ratten, V., & Ferreira, J. J. (Eds.). (2016). *Sport Entrepreneurship and Innovation*. Routledge.
<https://doi.org/10.4324/9781315393384>
- Reier Forradellas, R., Nández Alonso, S. L., Jorge-Vazquez, J., Echarte Fernández, M. Á., & Vidal Miró, N. (2021). Entrepreneurship, Sport, Sustainability and Integration: A Business Model in the Low-Season Tourism Sector. *Social Sciences*, 10(4), Article 4.
<https://doi.org/10.3390/socsci10040117>
- Rensburg, N. van, & Kanayo, O. (2021). Sports effects on ethical judgement skills of successful entrepreneurs: Adaptation of interpretative phenomenological analysis. *Journal of Entrepreneurship in Emerging Economies*, 14(4), 577–594.
<https://doi.org/10.1108/JEEE-08-2020-0305>
- Rodrigues, R., Marques, C. S., Esteves, D., Brás, R., Santos, G., Gouveia, A., Duarte, P., Pinheiro, P., O'Hara, K., & Marques, V. (2020). Physical activity level as a booster of entrepreneurial intention: A social innovation approach. *International Review on Public and Nonprofit Marketing*, 17(1), 121–133. <https://doi.org/10.1007/s12208-019-00227-1>

- Roşu, D. (2022). Effect of extracurricular interest of students in the field of physical education and sports on the development of entrepreneurial skills. *Journal of Physical Education and Sport*, 22(8), 1927–1932. <https://doi.org/10.7752/jpes.2022.08244>
- Schlaegel, C., & Koenig, M. (2014). Determinants of Entrepreneurial Intent: A Meta–Analytic Test and Integration of Competing Models. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 38(2), 291–332. <https://doi.org/10.1111/etap.12087>
- Snyder, H. (2019). Literature review as a research methodology: An overview and guidelines. *Journal of Business Research*, 104, 333–339. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2019.07.039>
- Ştefănică, V., Muntean, R. I., Roşu, D., Ursu, V. E., Groza, G. G., & Dragoş, G. C. (2024). Exploring Entrepreneurial Intention Among Students in the Academic Sports Domain: A Multifaceted Examination. *Revista Romaneasca Pentru Educatie Multidimensionala*, 16(2), 118-137. <https://doi.org/10.18662/rrem/16.2/849>
- Steinbrink, K. M., Berger, E. S. C., & Kuckertz, A. (2020). Top athletes' psychological characteristics and their potential for entrepreneurship. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 16(3), 859–878. <https://doi.org/10.1007/s11365-019-00612-6>
- Steinbrink, K. M., & Ströhle, C. (2024). The entrepreneurial intention of top athletes—Does resilience lead the way? *International Entrepreneurship and Management Journal*, 20(2), 607–629. <https://doi.org/10.1007/s11365-023-00860-7>
- Svensson, P. G. (2017). Organizational hybridity: A conceptualization of how sport for development and peace organizations respond to divergent institutional demands. *Sport Management Review*, 20(5), 443–454. <https://doi.org/10.1016/j.smr.2017.03.004>
- Tan, L. P., Le, A. N. H., & Xuan, L. P. (2020). A Systematic Literature Review on Social Entrepreneurial Intention. *Journal of Social Entrepreneurship*, 11(3), 241–256. <https://doi.org/10.1080/19420676.2019.1640770>
- Teixeira & Forte, R. P. (2017). Prior education and entrepreneurial intentions: The differential impact of a wide range of fields of study. *Review of Managerial Science*, 11(2), 353–394. <https://doi.org/10.1007/s11846-015-0188-2>

- Teixeira, Casteleiro, C. M. L., Rodrigues, R. G., & Guerra, M. D. (2018). Entrepreneurial intentions and entrepreneurship in European countries. *International Journal of Innovation Science*, *10*(1), 22–42. <https://doi.org/10.1108/IJIS-07-2017-0062>
- Terjesen, S. (2008). Venturing Beyond the Marathon: The Entrepreneurship of Ultrarunning and the IAU World Cup in Korea. *Asian Business & Management*, *7*(2), 225–241. <https://doi.org/10.1057/abm.2008.2>
- Vidal-Vilaplana, A., González-Serrano, M. H., & Crespo-Hervàs, J. (2025). Exploring elite athletes' entrepreneurial intentions: unraveling the impact of high-level sports career in skills development. *International Entrepreneurship and Management Journal*, *21*(1), 42. <https://doi.org/10.1007/s11365-024-01037-6>
- Vidal-Vilaplana, A., Gregori-Faus, C., Parra-Camacho, D., & González-Serrano, M. H. (2023). Analysis of sport management subjects in university Sports Sciences degrees in Spain. *The International Journal of Management Education*, *21*(2), 100771. <https://doi.org/10.1016/j.ijme.2023.100771>
- Xanthopoulou, P., & Sahinidis, A. (2024). Students' Entrepreneurial Intention and Its Influencing Factors: A Systematic Literature Review. *Administrative Sciences*, *14*(5), Article 5. <https://doi.org/10.3390/admsci14050098>
- Yar Hamidi, D., Wennberg, K., & Berglund, H. (2008). Creativity in entrepreneurship education. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, *15*(2), 304–320. <https://doi.org/10.1108/14626000810871691>
- Yin, R. K. (2017). *Case study research and applications: Design and methods* (6th ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Zhang, J. J., Kim, E., Mastromartino, B., Qian, T. Y., & Nauright, J. (2018). The sport industry in growing economies: Critical issues and challenges. *International Journal of Sports Marketing and Sponsorship*, *19*(2), 110–126. <https://doi.org/10.1108/IJSMS-03-2018-0023>
- Zhou, D., Zhu, D., Zhang, F., Li, G., & Zong, K. (2021). Modern Physical Education and Its Influence on Students' Entrepreneurial Psychology in Sports Universities. *Frontiers in Psychology*, *12*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.751176>

Anexo I- Entrevista

Secção 1 (contextualizar o entrevistado)

1. Idade?
2. Sexo?
3. Nacionalidade?
4. Curso e ano que frequentas?
5. Universidade que frequentas?
6. Frequentaste algum curso superior de desporto anteriormente?
7. Qual o desporto que praticas?
8. Há quanto tempo praticas desporto?
9. Há quanto tempo praticas desporto universitário?
10. És atleta federado?

SECÇÃO 2 (Fatores intrínsecos)

1. Já alguma vez pensaste em criar um projeto ou negócio próprio na área do desporto? Quais os motivos?
2. Sentes-te confiante nas tuas capacidades para liderar ou criar um projeto na área do desporto? Porquê?
3. Como reages perante situações de risco, incerteza ou desafio? Achas que essas características te poderiam ajudar a criar um negócio no desporto?
4. Consideras-te uma pessoa criativa ou com facilidade para encontrar soluções fora da caixa? Como poderias aplicar isso na criação de um negócio no desporto?

SECÇÃO 3 (Fatores contextuais)

1. Já participaste em alguma disciplina, projeto, workshop ou formação relacionada com empreendedorismo? Achas que poderia ajudar a criar um negócio no desporto?
2. Achas que o contexto português facilita ou dificulta o empreendedorismo na área do desporto? Porquê?

3. Tens alguém próximo (amigo, familiar, treinador, professor) que te inspire ou incentive a pensar de forma empreendedora? Isso afeta a tua intenção de empreender? De que forma?

SECÇÃO 4 (Fatores sociodemográficos)

1. Na tua opinião, achas que homens e mulheres têm as mesmas oportunidades para criar projetos empreendedores no desporto? Porquê?

2. Acreditas que o sexo pode influenciar a confiança ou a motivação para empreender no desporto? Como?

3. Achas que o teu curso/universidade te dá ferramentas ou incentivos para criar um negócio ou projeto desportivo? Porquê?

4. Achas que o desporto universitário te ajudou a desenvolver competências que também são úteis no mundo do empreendedorismo? Quais?

5. Sentes que competir ou treinar regularmente te torna mais confiante ou autónomo em contextos fora do desporto universitário, como por exemplo na criação de negócios projetos? Se sim, de que forma?

6. Consideras que o ambiente competitivo e dinâmico do desporto universitário influencia a tua forma de pensar ou agir em relação a ideias empreendedoras? Se sim, de que maneira?

7. Na tua opinião, atletas universitários têm um perfil mais empreendedor do que outros estudantes que não praticam desporto? Porquê?

8. Achas que estudar e praticar desporto ao mesmo tempo te prepara melhor para a vida profissional ou para empreender? Em que sentido?